



**Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de História e Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia**

EVERSON CAMELO DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ENTORNO
DO AÇUDE VELHO; CAMPINA GRANDE – PB: Um estudo de caso**

**Campina Grande – PB
2011**

EVERSON CAMELO DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ENTORNO
DO AÇUDE VELHO; CAMPINA GRANDE – PB: Um estudo de caso**

**Campina Grande - PB
2011**

EVERSON CAMELO DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ENTORNO
DO AÇUDE VELHO; CAMPINA GRANDE - PB: Um estudo de caso**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Marília M^a Quirino Ramos

**Campina Grande – PB
2011**

O48c

Oliveira, Everson Camelo de.

A construção e apropriação do espaço geográfico no entorno do Açude Velho; Campina Grande - PB [manuscrito]: um estudo de caso / Everson Camelo de. – 2011.

66 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Ma. Marília Maria Quirino Ramos, Departamento de História e Geografia”.

1. Urbanização 2. Espaço Urbano 3. Paisagem 3. I. Título.

21. ed. CDD 711

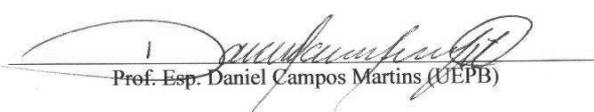
EVERSON CAMELO DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ENTORNO
DO AÇUDE VELHO; CAMPINA GRANDE – PB: Um estudo de caso**

Aprovada em 20 de junho de 2011

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Marília M^a Quirino Ramos (UEPB)
Orientadora


Prof. Esp. Daniel Campos Martins (UEPB)


Prof. Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz (UEPB)

DEDICATÓRIA

A minha família, que nos momentos de alegria e tristeza, transmitiram força, fé e esperança, sempre estando ao meu lado.

Especialmente para pessoas importantes na minha vida, minha Mãe Terezinha, meu pai João Carlos, meus irmãos, Eraldo, Edvaldo, Evandro, e Ednaldo. E minha noiva e futura esposa Josy, que sempre me dão força para enfrentar as adversidades da vida.

A todos muito obrigado!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado essa oportunidade na minha vida, sempre iluminando meu caminho.

Aos meus amigos de grande jornada da Universidade, Daniel e Edeílson, que sempre juntos tivemos muita amizade apesar dos problemas que enfrentamos nessa longa caminhada, e a meu amigo Samuel que me ajudou muito nesta pesquisa.

Aos professores; Marília Pela paciência que teve comigo, me orientando da melhor forma, o brilhante Professor Daniel Campos pela força e sabedoria, e a professora Lourdinha Cirne pelo apoio que sempre me deu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Pág.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Estação Ferroviária de Campina Grande – PB.....	22
FIGURA 02 – Mapa da Paraíba com delimitação do município de Campina Grande – PB..	26
FIGURA 03 – Mapa dos bairros de Campina Grande-PB, com destaque para o Açude Velho.....	27
FIGURA 04 – Vista dos “Pioneiros da Borborema” às margens do Açude Velho, início da década de 1970.....	32
FIGURA 05 – Vista atual dos “Pioneiros da Borborema” às margens do Açude Velho.....	33
FIGURA 06 – Vista aérea do Açude Velho, Campina Grande – PB.....	37
FIGURA 07 – Pedalinhos no Açude Velho final dos anos 1970.....	38
FIGURA 08 – Edifícios localizados no entorno do Açude Velho.....	38
FIGURA 09 – Prática de Esqui Aquático no Açude Velho, década de 1970.....	39
FIGURA 10 – Vista do Açude Velho, Campina Grande – PB.....	40
FIGURA 11 – Localização do futuro Museu da Música Regional.....	42
FIGURA 12 – A estrutura física do Museu da Música Regional, projetado por Oscar Niemeyer, em homenagem a Jackson do pandeiro.....	42
FIGURA 13 – Edifícios modernos localizados no entorno do Açude Velho.....	46
FIGURA 14 – Pessoas caminhando no entorno do Açude Velho, com destaque para os Quiosques.....	47
FIGURA 15 – Vista frontal dos condomínios, Solar das Acácias Residence, e Imperial Home Service.....	49
FIGURA 16 – Vista frontal do Belvedere Residencial no entorno do Açude Velho.....	49
FIGURA 17 – Zoneamento referente ao Plano Diretor de Campina Grande de 1996, constante no código de obras.....	51
FIGURA 18 – Zoneamento referente ao Plano Diretor de Campina Grande de 2006, constante no próprio plano.....	52

FIGURA 19 – Baronesa, planta aquática e peixes mortos no Açude Velho.....	58
FIGURA 20 – Lixos jogados dentro do Açude Velho.....	59

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Crescimento da População de Campina Grande – PB: Censos de 1970, 1980, 1991 e 2000.....	29
QUADRO 02 – Análise comparativa entre os Planos Diretores de Campina Grande de 1996 e 2006 e sua matriz de equivalência.....	53

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Como os transeuntes descrevem a paisagem pretérita e atual do Açude Velho.....	34
GRÁFICO 02 – Há quanto tempo os comerciantes possuem o estabelecimento.....	35
GRÁFICO 03 – A renda mensal do estabelecimento.....	36
GRÁFICO 04 – Há quanto tempo faz atividades no entorno do Açude Velho.....	44
GRÁFICO 05 – Que atividade exerce no entorno do Açude Velho.....	45
GRÁFICO 06 – Os problemas enfrentados pelos transeuntes no entorno do Açude Velho..	56
GRÁFICO 07 – Principais problemas enfrentados pelos donos de Quiosques.....	57
GRÁFICO 08 – O que poderia ser feito para a melhoria no Açude Velho.....	60
GRÁFICO 09 – Sugestões apresentadas pelos donos de Quiosques para melhoria do espaço.....	61

RESUMO

OLIVEIRA, Everson Camelo de. **A CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ENTORNO DO AÇUDE VELHO; CAMPINA GRANDE – PB: Um estudo de caso.** 2011. 66 f. Monografia do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPB – CEDUC. Campina Grande, Paraíba.

O estudo proposto investigou como se deu a modificação da paisagem no entorno do Açude Velho, localizado em Campina Grande – PB, com objetivo de analisar e compreender a construção e apropriação do seu espaço geográfico, considerando a organização do espaço em sua adjacência, forma, estrutura e função mediante o processo de urbanização. Possui um caráter Analítico-Descritivo com abordagem quantitativa e qualitativa que ajudou situar a cidade de Campina Grande – PB, através de uma abordagem Histórico-Geográfico, com o propósito de verificar o atual papel empreendedor do Açude Velho em seu entorno, como sua área passa por uma reprodução do espaço urbano, onde recriam condições para um espaço valorizado, com disputas de diferentes territorialidades, sua reorganização e densificação do uso do solo, renovação urbana e seus conflitos dos agentes sociais. Como procedimentos metodológicos foi feito um levantamento bibliográfico referente à Geografia urbana, que facilitou a base teórica da pesquisa. Em seguida foi realizada a pesquisa de campo, incluindo observações, foram analisadas fotografias antigas e atuais que retratam a construção do desenvolvimento urbano do Açude Velho, e coleta de dados e informações a partir de questionários e entrevistas de comerciantes e transeuntes do local em estudo. O trabalho visa não só uma contribuição ao estudo geográfico urbano, como também explorar as possibilidades de desenvolvimento urbano e melhorias nas condições de vida, e bem-estar da população no espaço em estudo.

Palavras-chave: Espaço urbano, paisagem, Urbanização.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Everson Camelo de. **A CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ENTORNO DO AÇUDE VELHO; CAMPINA GRANDE – PB: Um estudo de caso.** 2011. 66 f. Monografia do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPB – CEDUC. Campina Grande, Paraíba.

This study investigated how the modification of the landscape in the surroundings of “Açude Velho” (Old Dam), located in Campina Grande – PB, happened. Aiming to analyze and understand the construction and ownership of that geographical area, considering the organization of space neighboring it, its form, structure and function through the urbanization process. It has an Analytical-Descriptive character with quantitative and qualitative approach that helped to place the city of Campina Grande - PB, using a Geo-Historical Approach, in order to check the current entrepreneurial role of “Açude Velho” (Old Dam) and areas around it. As its area is going through a reproduction of urban space, where the conditions for a valued space are recreated with disputes for different territories; its reorganization and densification of land use, urban renewal and conflicts of social agents. As methodological procedures a literature survey was done on the urban geography, which facilitated the theoretical basis for research. We then carried out a field research, including observations; we also analyzed current and old photographs depicting the construction of urban development of the place. Data were also collected together with information from questionnaires and interviews with traders and people passing by the place of study. The work aimed not only to contribute to urban geographic study, but also explore the possibilities of urban development and improvements of living conditions and good living of the population in the area under study.

Key words: Urban space, landscape, urbanization

SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 Espaço Habitado: Produto das relações sociais.....	13
1.2 A Valorização do Espaço Urbano.....	15
1.3 A Paisagem Urbana.....	18
2. CONTEXTUALIZAÇÃO GEO – HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE – PB.	20
2.1 Evolução Histórica	20
2.2 Caracterização Geográfica	25
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	30
3.1 A Construção do Açude Velho: Elementos estruturais, agentes sociais fixos e fluxos....	30
3.1.1 Indicadores econômicos.....	34
3.2 Urbanização e Renovação Urbana do Açude Velho.....	36
3.3 Densificação do uso do solo no entorno do Açude Velho.....	41
3.3.1 Índice de qualidade de vida.....	43
3.4 Mudança no conteúdo social.....	45
3.4.1 Indicadores dos problemas encontrados no Açude Velho.....	56
3.5 Deterioração ambiental da área.....	58
3.5.1 Sugestões de medidas de gestão para o Açude Velho.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

O Açude Velho teve sua construção iniciada em 1829, em função dos estragos causados pela seca, sendo concluído em 1830. O Açude não era apenas um pouso, mas uma parada obrigatória pelos tropeiros que vinham de longa caminhada.

Sendo ponto de comércio para população, o Açude Velho tinha grande importância, pois já era o maior reservatório do Planalto da Borborema, assegurando a sobrevivência da Vila e posteriormente da Cidade de Campina Grande, que se construía ao seu redor.

Ao longo do tempo o Açude ganhou grande importância Urbana e Valorização comercial com o crescente processo de verticalização, resultando em edificações elevadas e condomínios residenciais, restaurantes, área de lazer, Quiosques, pontos comerciais, entre outros, passando a compor a paisagem urbana da área.

Partindo-se do exposto a pesquisa se propõe a analisar o atual papel empreendedor do Açude Velho em seu entorno e principalmente como esta área passa por uma reprodução do espaço urbano, recriando condições para um espaço valorizado, com disputa de diferentes territorialidades, sendo a visão paisagística em suas adjacências, totalmente modificada.

Inicialmente serão apresentados os aspectos teóricos por meio de uma revisão da literatura dessa temática. Também foram utilizados mapas, registros fotográficos do espaço atual e pretérito abordando a problemática em questão. Através da pesquisa bibliográfica, foram destacados os conceitos do espaço urbano, sendo feito um breve histórico sobre o processo de urbanização, além de uma abordagem das principais modalidades do crescimento urbano e dos aspectos que podem desencadear o processo de espaço habitado, valorização do espaço urbano, e paisagem urbana, como o processo de verticalização da determinada área em estudo.

A pesquisa foi realizada com base no método indutivo a qual foi possível a observação do local, das condições da construção e apropriação do espaço geográfico no entorno do Açude Velho, através de abordagens tanto qualitativa como quantitativa.

Posteriormente, essa abordagem teórica em estudo, foi feita a localização geográfica da cidade de Campina Grande, e suas características ambientais, históricas e sociais, além de uma revisão teórica sobre a origem e a evolução da ocupação do espaço campinense. Também foi realizada uma pesquisa in loco, objetivando fazer uma análise de sua construção e apropriação em suas adjacências e quais elementos fixos e fluxos contribuíram para essas transformações.

Na etapa seguinte foram aplicados no entorno do Açude Velho, questionários aos comerciantes e transeuntes, com amostragem aleatória para saber o grau de conhecimento da população referente no estudo realizado. Em seguida foram analisados os resultados da pesquisa em campo, a partir disso foram sugeridas estratégias para melhorar a qualidade de vida da população local.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Espaço habitado: Produto das relações sociais

A definição de Espaço é tarefa das mais difíceis e desafiadoras dos especialistas, mas uma proposta que é operacional e, ao mesmo tempo, fundada no real, assegura que o espaço é formado por dois componentes que interagem continuamente: A configuração territorial, que constitui o conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação consciente do ser humano, através dos sucessivos “sistemas de engenharia”; e a dinâmica social ou o conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento (SANTOS, 1988, p. 111).

Assim, o espaço geográfico não é apenas formado pelas coisas, como objetos geográficos, naturais e artificiais cujo conjunto dá a natureza. O espaço é tudo isso mais uma sociedade, com cada fração da natureza abrigando uma fração da sociedade atual. Como relata Santos, (op. cit. p.27):

O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois têm um papel na realização social.

Diante desse contexto o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. (SANTOS, op.cit. p.26).

Não se pode afirmar que o espaço geográfico sempre existiu, nem que sua criação esteja vinculada ao aparecimento do ser humano sobre a Terra, sua existência vincula-se a uma organização social, onde o homem transforma a natureza humanizando-a, apropriando-se dela e incorporando-a ao seu universo (CARLOS, 1994).

Ao artificializar o ser humano deixa sua marca do desenvolvimento, da mudança, do progresso, fazendo com que se sinta capaz de ser o agente principal do espaço, modificando sua relação de harmonia com a natureza.

Como se sabe, o espaço é a dimensão mais material da realidade social, produto e condição de reprodução da sociedade. Ora, é necessário questionamentos sobre a concepção que se questione de espaço, a estratégia espacial, que o atual projeto político traz embutida, e de que maneira se contempla a reprodução do homem pelo homem (PINTAÚDI, 2003, p.291).

O espaço altera-se dando lugar a diferentes formas urbanas que atendem às novas estruturas sociais. Nesse sentido Santos, (1988, p.71) afirma que “o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”.

Um das características do espaço habitado é a sua heterogeneidade, onde o fenômeno humano é dinâmico, ocorrendo mudanças tanto quantitativa como também qualitativa do espaço habitado, onde o meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva crescentemente encobertos pelas obras dos homens (SANTOS, op. cit, p. 42).

Nesse propósito, o espaço vai se modificando dando lugar a diferentes formas urbanas, produzindo e atendendo às novas estruturas sociais, transformando a cidade num ambiente de produção e consumo, ampliando atrativos de conforto e lazer para a sociedade, tornando a paisagem natural cada vez mais ausente no ambiente urbano.

As cidades, no geral, apresentam diferentes formas de ocupação do solo que desencadeiam fenômenos relacionados à exclusão social. O espaço, apropriado desigualmente, passa por constantes transformações que com o tempo promovem a manipulação pelas classes dominantes que procuram no acesso às diversas áreas que compõem a zona urbana, aumentando o seu prestígio social. Todo esse processo acaba gerando diversos conflitos sociais que se agravam na inoperância do Estado que, na maioria das vezes, se faz representar como sistema regulador da sociedade.

O espaço habitado (cidade) é um lugar onde ocorrem muitos processos sociais, entre eles a acumulação de capital e a reprodução social os quais representam importâncias básicas. Tais, processos criam funções e formas onde a distribuição espacial urbana é desordenada gerando assim vários transtornos aos seus habitantes.

Hoje o ser humano está no centro da discussão do espaço, na posição de sujeito. O espaço é humano porque o homem o produz e não, simplesmente, porque nele habita. A sociedade produz o espaço a partir da contradição entre um processo de produção socializado e sua apropriação privada. Portanto, o espaço se reproduz, reproduzindo conflitos.

Diante desse contexto Carlos (1992, p. 15) relata:

O espaço não é humano porque o homem o habita, mas porque o constrói e reproduz, tornando o objeto sobre o qual recai o trabalho em algo que lhe é próprio. Por outro lado, o espaço passa a ser produzido em função do processo produtivo geral da sociedade. É assim um produto histórico que sofreu e sofre um processo de acumulação técnico cultural apresentado a cada momento as características e determinações da sociedade que o produz.

É importante lembrar que espaço social, é a natureza transformada pelas relações sociais, não é um simples “dado” sem maior importância para a vida social. O espaço social é, ao mesmo tempo, um produto das relações sociais, e um condicionador dessas mesmas relações. A organização espacial e as formas espaciais refletem o tipo de sociedade que as produziu, mas a organização espacial e as formas espaciais, uma vez produzidas, influenciam os processos sociais subsequentes (SOUZA, 2005, p.99).

O processo de produção do espaço fundamentado nas relações de trabalho entre os homens e a natureza primeira e segunda implica o entendimento de vários relacionamentos: sociais, políticos, ideológicos, jurídicos, culturais. Envolve um modo de produzir, pensar, sentir, logo um modo de vida (CARLOS, 2007, p.34).

O espaço geográfico deve ser concebido como um produto histórico e social das relações que se estabelecem entre a sociedade e o meio circundante. Essas relações são, antes de tudo, relações de trabalho dentro do processo produtivo geral da sociedade. Deste modo coloca-se necessário, a discussão do trabalho enquanto mediação da relação sociedade-espaço (CARLOS, 1994).

1.2 A Valorização do espaço Urbano

O processo de valorização do espaço urbano remete a uma discussão, já realizada neste estudo, sobre o conceito de espaço.

Sabe-se que o espaço é produto, condição e meio do processo de produção da sociedade em todos os seus aspectos. O espaço é entendido em função do processo de trabalho que o produz e reproduz a partir da relação do ser humano com a natureza. Assim o espaço se recria a partir da natureza que é totalmente transformada no curso de gerações (CARLOS, 2007 p. 50).

O espaço urbano aparece como movimento historicamente determinado num processo social. O modo de produção do espaço contém um modo de apropriação, que está associado à propriedade privada da terra.

O espaço urbano pode ser analisado como um conjunto de ponto, linhas e áreas. Pode ser abordado a partir da percepção que seus habitantes ou alguns de seus segmentos têm dele e de suas partes. Outro modo possível de análise considera-o como forma espacial em suas conexões com estrutura social, processos e funções urbanas. Por outro lado ainda, o espaço urbano como qualquer outro objeto espacial, pode ser abordado segundo um paradigma de consenso ou de conflito (CORRÊA, 1993, p. 6).

Diante da discussão, o processo de formação de uma área, principalmente o uso do solo, passa por inúmeras ações diretas de alguns agentes, o fator econômico, por exemplo, torna-se fundamental para consolidação do espaço urbano. Segundo Marinato (2009), o valor do solo, mais do que seu uso e ocupação, é o que mais rapidamente reflete das melhorias dos serviços urbanos, ficando as alterações do uso e ocupação do solo mais lenta, como consequência posterior. No entanto Marinato (op.cit) afirma que:

“As tentativas de agregar valores ao solo através de investimentos são ainda discutidas por existirem muitos problemas técnicos no cálculo da valorização provocada pelas obras públicas, como também na delimitação das áreas afetadas por elas”.

As políticas públicas para o meio urbano têm como objetivo principal regular a ocupação do solo, proporcionando uma melhor distribuição do mesmo e o seu acesso a toda população urbana, que por uma série de fatores acomodaram-se nas cidades.

Sendo assim, o conceito de desenvolvimento urbano é muito relacionado às idéias de crescimento, expansão, modernização, embelezamento e remodelagem do espaço, em que são esquecidos custos sociais e ambientais, além de contextos externos (em escala regional, nacional ou internacional).

Diante disso Souza (2005, p. 95-96) propõe uma “idéia de desenvolvimento que considere os interesses legítimos de uma sociedade, justiça social e melhor qualidade de vida”.

O espaço urbano é profundamente desigual, e por ser reflexo social, é dinâmico e mutável, com complexidade de ritmos e naturezas diferenciados. O espaço desigualmente fragmentado sofre constantes mutações que ocorrem a partir da diferenciação dos valores que variam no tempo e na dimensão, manipulados pelos grupos sociais dominantes e disputados pelos que ele quer ter acesso, sendo, portanto, objetos e lócus de conflitos sociais. (CORRÊA, 2000).

As ações dos agentes provocam um constante processo de reorganização espacial que se realiza através da incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade.

Tal dinâmica conduz, de um lado, à redistribuição do uso de áreas, levando a um deslocamento de atividades e/ou dos habitantes, e de outro, à incorporação de novas áreas que importam em novas formas de valorização do espaço urbano.

No caso das grandes cidades, por exemplo, ocorre geralmente a deterioração do centro e/ou das áreas centrais que passam a ser ocupados por casas de diversão noturna, pensões, hotéis de segunda classe, zonas de prostituição. Isso faz com que os chamados “bairros ricos”, localizados perto das áreas centrais, sofram uma mudança de clientela; os antigos moradores “fogem” para áreas privilegiadas mais afastadas, surgindo os bairros-jardins, as chácaras, os condomínios “fechados”. É a moradia como sinônimo de status (CARLOS, 2007, p.41).

O uso do solo não se dará sem conflitos, na medida em que são contraditórios os interesses do capital e da sociedade como um todo. Enquanto o primeiro tem por objetivo sua reprodução através do processo de valorização, a sociedade anseia por condições melhores de reprodução da vida em sua dimensão plena (CARLOS, op. cit, p.41).

A cidade de Campina Grande, a exemplo das médias cidades brasileiras, passa por um processo de uso intensivo do solo urbano da área central da cidade, trabalhadas por administrações públicas, onde há a maior concentração de atividades econômicas, necessárias ao embelezamento e modernização da cidade.

A modernidade em Campina Grande foi legitimada pela união da Prefeitura, Câmara Municipal, arquitetos. Juntos, adotaram novas imagens, novas representações acopladas em outras dimensões para a cidade que deveria ser “a cidade do trabalho”, usando a “eficácia” como palavra-chave em todos os discursos de então (AMORIM, 2000, p.142).

Segundo Andrade (1985), o espaço geográfico é um produto da ação do homem, lugar de transformação adquirido aos tempos, trazendo condição de sobrevivência, usando várias técnicas de transformação, modificando o espaço natural.

Quando um determinado local recebe investimentos, ele tende a valorizar-se e ganhar status social, passando a ser habitado por uma parcela da população economicamente mais elevada, que devido ao alto nível de consumo, favorece a expansão do setor terciário, recebendo um maior número de filiais de empresas comerciais, edificações residências

planejadas, localizadas em áreas de forte acessibilidade e obedecendo a poderosos interesses imobiliários e econômicos.

1.3 A paisagem Urbana

A paisagem urbana compreende um sistema, pois contém elementos naturais, artificiais e humanizados que estão em diferentes estágios de transformação, por se acumularem e interagirem entre si, representando a dinâmica do território e o acúmulo de mudanças através do tempo.

Considerada em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, para cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção (SANTOS, 2004, p. 54).

A paisagem se organiza na medida em que as exigências de espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes. Por essa razão, a paisagem urbana é mais heterogênea, já que a cidade abarca diversos tipos e níveis de produção, e é por isso que o espaço é usado de forma desordenada.

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos (SANTOS, 1988, p.66).

Segundo Carlos (2007, p.40) da observação da paisagem urbana depreendem-se dois elementos fundamentais: o primeiro diz respeito ao espaço construído, imobilizado nas construções; o segundo diz respeito ao movimento da vida, ou seja, o primeiro aspecto que chama atenção quando se observa a paisagem urbana é o choque dos contrastes, das diferenças. Contrastes de tipo e diversidade de utilização da cidade, usos do solo.

Tais diferenciações baseiam-se no fato de que a cidade é antes de qualquer coisa uma concentração de pessoas exercendo, em funções da divisão social do trabalho, uma série de atividades concorrentes ou complementares, desencadeando uma disputa de usos.

São os diversos modos de apropriação do espaço que vão pressupor as diferenciações de uso do solo e a competição que será criada pelos usos, e no interior do mesmo uso. Como os interesses e as necessidades dos indivíduos são contraditórios, a ocupação do espaço não se fará sem contradições e portanto sem luta (CARLOS op. cit. p.42).

A paisagem urbana é humana, histórica e social, existe e se justifica pelo trabalho do homem, ou melhor, da sociedade, como afirma Carlos, (2007, p. 38), sobre o dinamismo da paisagem, produto de uma relação fundamentada em contradições, em que o ritmo das mudanças é dado pelo ritmo do desenvolvimento das relações sociais.

A Geografia Urbana estuda as áreas metropolitanas e seus processos de produção do espaço como fenômeno geográfico. Já a Urbanização se apresenta como um conjunto de processos coordenados pela ação humana e cuja complexidade exige grande aprofundamento dos pesquisadores, em especial com o objetivo de entender como a cidade se produz e reproduz. Como compreende um todo ao mesmo tempo homogêneo e heterogêneo, é preciso ter em mente que os espaços urbanos são, de modo geral, facilmente reconhecíveis na paisagem, porém cada um apresenta suas especificidades, particularidades e singularidades.

O homem necessita de um espaço para viver, mesmo que este seja debaixo de alguma ponte. Ele necessita de um lugar para comer, dormir, descansar, enfim, um lugar usado para reposição de energia, da reprodução da força de trabalho e da espécie.

Como afirma Carlos (2007, p. 43).

A paisagem é uma forma histórica específica que se explica através da sociedade que a produz, num produto da história das relações materiais dos homens que a cada momento adquire uma nova dimensão; a específica de um determinado estágio do processo de trabalho vinculado à reprodução do capital (e que explica, por exemplo as mudanças sofridas na cidade).

Para tanto isso inclui como as pessoas se inserem e estão nesse espaço, acompanhando também os diferentes modos produtivos, urbanizações que produzem e todas as diferenciações de apropriação do espaço urbano. Elas ocorrem sob determinadas lógicas socioespaciais, produzindo assim tecidos urbanos complexos à medida que são aprofundadas as relações produtivas no espaço.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO – GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE – PB.

2.1 Evolução Histórica.

O processo de origem e evolução do município de Campina Grande remonta o estímulo à política expansionista da Coroa Portuguesa no final do século XVII, em incentivar a ocupação de áreas no interior do Brasil, como criação de gado e agricultura de subsistência com base na apropriação de terras e uso do braço nativo pela escravidão.

Nesse cenário, os pioneiros dos Sertões da Paraíba, Antônio e Custódio de Oliveira Ledo, que eram irmãos, e Constantino, filho de Custódio, requereram as doações de terras, atendidas pela Coroa Portuguesa por volta de 1663, onde foram grandes desbravadores dos sertões da capitania, descobrindo terras, “domesticando Índios”, e promovendo o povoamento.

Diante desse contexto a parte central do Planalto da Borborema, começou a ser explorada por Teodósio de Oliveira Ledo, como afirma Silva (2000; p.15).

Nesta onda de ocupação de espaço e da escravidão do nativo, houve a transposição do Planalto da Borborema por Teodósio de Oliveira Ledo, que passou a ocupar o sítio denominado de “a Campina Grande”, onde os Índios Cariris tinham seu habitat.

Irmão de Constantino, Teodósio de Oliveira Ledo, iria concorrer para o povoamento na Paraíba, fundando arraiais que se transformaram em cidades. De acordo com Almeida (1962; p. 35), “Teodósio em 1697 aldeou numa grande Campina, nos limites orientais da região dos Cariris. Fundava aí o núcleo que deu origem a Campina Grande”.

Dadas às condições favoráveis do sítio, como a amenidade do clima, a natureza dos solos, e principalmente a sua localização geográfica privilegiada como ponto de passagem preferido nas comunicações entre o Sertão e o Litoral, através dos boiadeiros e tropeiros que corriam a feira, em busca de cereais e outros produtos, assim o aldeamento prosperou.

Nesse caso em 1790 foi que se deu a elevação deste povoamento à categoria de Vila, denominado de Vila Nova da Rainha. Assim nesse longo período o núcleo urbano começou desajustada, desordenada, apresentava construções comerciais e habitacionais em total desalinho, crescendo vagarosamente, como foi observado em (Silva, op.cit) “Quando alçada a Vila em 1790, sua população era estimada em 8.000 pessoas, incluindo os habitantes da Vila e seus termos”.

Em seu povoado se destacou a feira, aonde atraiu os tropeiros e boiadeiros, no qual em sua parada obrigatória, o ponto terminal de longa caminhada, precisava de água permanentemente em qualquer estação do ano.

O Açude Velho não faltava a essa exigência como afirma (Almeida, op.cit) “resistiu às estiagens mais inclementes. Surpotou sobranceiro às secas históricas de 1845 e 1877, retendo água suficiente para acudir às urgências da calamidade. Foi a salvação de todos.”

Sendo assim, aqui operavam as trocas comerciais de produtos vindos do Sertão, principalmente, couros e queijos, gêneros alimentícios como rapadura e farinha de mandioca.

Em 11/10/1864 Campina Grande veio conquistar finalmente a condição de cidade, por influência e poderio da classe dos proprietários rurais. Mesmo assim, o núcleo urbano estava longe de preencher requisitos de uma cidade, onde apresentava espaço desorganizado, exposto ao abandono do poder público.

Essa era a realidade de Campina Grande, quando sua elevação à categoria de cidade. Dispunha de apenas quatro ruas, três “largos” oito becos e cerca de trezentas casas, duas Igrejas, dois Açudes públicos, duas casas de Mercado, um Cemitério e uma cadeia, servindo também para as reuniões da câmara, conforme (SILVA, op.cit).

Com a elevação à cidade, e o aumento populacional, Campina Grande foi se desenvolvendo, surgindo variados ramos de negócios com referencial destaque para o Mercado Novo, onde se efetivava a comunicação com o interior da Paraíba, atingindo outros estados, onde provinham o gado e seus derivados, e outros artigos com efetivos negócios distribuídos para centros consumidores, além de cereais e algodão. Logo, Campina Grande que estava voltada para o mercado interno, passa para o mercado externo.

Nesse propósito, no início do século XX, mais precisamente a partir de 1907, com a vinda da Ferrovia para a cidade, ocorre uma maior instrumentalização e expansão do Centro Urbano Campinense com o Mercado Algodoeiro. Segundo Oliveira & Rodrigues (2007) Campina Grande em 1907 já obtinha cerca de 1.800 habitantes, 731 casas, dois Açudes (Açude Velho e Açude Novo), oito ruas, quatro largos e agora com uma estação Ferroviária, fato esse tido como principal responsável nas décadas seguintes para a consolidação do seu espaço ocupacional, como afirma Amorim (1997).

O espaço urbano campinense, nessa década, foi sendo construído paulatinamente, a partir das necessidades impostas por uma população crescente. Inaugurada, a estrada de ferro chega a Campina Grande em 02 de Outubro de 1907, o primeiro trem, colocando a cidade num momento decisivo para a consolidação de um centro comercial algodoeiro e, conseqüentemente, para a redefinição de seu espaço ocupacional, hegemônico, no interior do Estado.

A idéia de implantar uma ferrovia na Paraíba vem desde o fascínio pelo trem do Recife, aonde iam se formar os filhos das elites canavieiras e algodojeiras paraibanas. Para a chegada do trem em Campina Grande, havia uma grande disputa política e jogo de alianças entre líderes municipais campinenses, como o “gringo” Cristiano Lauritzen e Irineu Joffily, como afirma Dinoá (1993, p. 21).

Várias implicações influenciaram a consolidação do trajeto da tão esperada estrada de ferro. Irineu Joffily contribuiu como pôde para que ela passasse por Campina Grande. Cristiano Lauritzen, porém, foi o grande baluarte da magnífica novidade. Sua persistência foi compensada pela coroação de pleno êxito do intento pelo qual tanto lutara.

Para reforçar o poder do prefeito recém-nomeado, autorizou a doar a Great Western of Brazil Railway (GWBR) terrenos para a construção da estação (Figura 01). Começadas as obras em 1904, foram concluídas em 1907. O primeiro trem chegaria a Campina Grande em 2 de Outubro de 1907, recebido com a maior festa. A cidade se sentia aliviada já que a extensão ferroviária não seria mais feita a partir de Alagoa Grande para o Sertão e sim por Campina.



Figura 01: Estação ferroviária de Campina Grande, foto de 1910.

Fonte: arquivo particular Lêda Santos.

Em torno da Estação Central e do Açude Velho começaram a se instalar a maioria destas empresas. Até mesmo a firma pernambucana Marques de Almeida, inicialmente, planejara se instalar por trás da estação. A primeira grande empresa surgiu em 1919, a Companhia Parahybana de Beneficiamento e Prensagem de Algodão, pelo engenheiro José Heronides de Holanda Costa, passando a denominação para Wharton, Pedrosa e Cia, posteriormente vendida em 1937 a firma Anderson Clayton (MELO op. cit, p.21).

A política econômica municipal, ao determinar o alargamento de suas fronteiras e implantar no ano de 1907 a estação Ferroviária na cidade, ligando-a a capital do Estado, com vistas à reprodução do capital, ou seja, viabilizar o escoamento do algodão e a importação do maquinário para seu beneficiamento. Com a comercialização do algodão, a cidade de Campina Grande ficou conhecida internacionalmente, com a exportação deste produto para a Inglaterra, tornando-se um importante centro comercial de toda região paraibana que abrange o compartimento da Borborema (SÁ, 1986).

Terminado a década de 1910, o espaço urbano de Campina Grande tinha triplicado, e alguns bairros foram surgindo, sem nenhum plano ou projeto, logo nesta época Campina Grande comportava com quatro bairros: Açude Velho, Areias, São José e Piabas. No final da década de 1920, com população acima de 70 mil habitantes, o número de edificações era de 4.781 e já contava com iluminação pública (SÁ, 1986).

A exemplo do bairro do Açude Velho no qual começa nas proximidades do reservatório d'água, que distava do centro 2 Km, cujo nome era Açude Velho, [...] “crescia a cidade, residências eram construídas nas proximidades do reservatório” [...] (ALMEIDA, 1962, p. 114), pois foi em volta deste Açude que se inicia um processo de urbanização, assim cedendo o nome ao novo bairro que surgiu na Zona Leste da cidade.

A área urbana de Campina Grande se espalhava a cada dia, como afirma Cardoso (1963, p. 418) “O ritmo anual de Construções que vem mantendo constante, mostra um certo grau de urbanização na área central”.

No período de 1940-60, ocorrem na cidade investimentos consideráveis de capitais, em estabelecimentos industriais, acelerando seu processo de industrialização. O crescimento do número de estabelecimentos industriais reflete-se nas transformações espaciais com a formação dos eixos industriais, nas porções noroeste e sudeste da cidade.

Com o desenvolvimento industrial patrocinado pela SUDENE a cidade assume papel relevante no cenário econômico da região Nordeste destacando-se também como a cidade que mais crescia, no contexto paraibano tanto em área urbana, como em população (116.200 habitantes) em função do êxodo rural (SÁ, 1986; LIMA, 1999).

É preciso destacar que nem todos os imigrantes que abandonavam o campo ou as pequenas cidades do interior se dirigiam para o Centro Sul, pois Campina Grande se destacou, onde apesar de outros pólos e cidades mais desenvolvidas, a cidade mesmo com o subdesenvolvimento e a falta de oportunidade que existia na região Nordeste. Seu crescimento industrial imprime uma atração relacionada ao êxodo rural como afirma Lima (2004, p. 50).

Até pelo apego a terra natal tão decantada em verso e prosa pelos poetas nordestinos, era comum, antes de partirem para o distante Sul, esses imigrantes tentarem a sorte nas cidades maiores dentro da própria região. Ou seja, muitos desses imigrantes “optavam” por cidades onde houvesse alguma chance de conseguir emprego e, Campina Grande, sendo a cidade do estado que apresentava maior ascensão econômica, torna-se pólo de atração para as pessoas que deixam o campo fugindo da seca ou deixam as cidades de menor porte onde as chances de emprego e de melhoria de vida são ínfimas.

Os anos de 1960/1962 surgem novamente à preocupação do poder público com a reorganização do espaço urbano da cidade. Foi elaborado o Plano Diretor Físico da cidade, no qual foram feitos projetos referentes à urbanização do Açude Velho e Açude Novo, construção do teatro Municipal, restando apenas desse trabalho o mapeamento do município.

O projeto CURA (Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada) iniciadas em Campina Grande na década de 1980, chega com objetivos de melhorar os serviços básicos de infra estrutura e combater a especulação imobiliária.

Os resultados da aplicação do projeto ficaram muito aquém dos objetivos desejados. Os efeitos, supostamente anti especulativos, não se fizeram sentir, muito pelo contrário, acelerou-se o processo de valorização especulativa dos terrenos situados em áreas contempladas pelo CURA.

A reforma urbana foi tomada com mais ênfase na década de 1980, observou os movimentos sociais, como: os dos favelados, mutuários, dos sem teto que, por meios de sindicatos e associações, reivindicam seus direitos aos serviços e equipamentos básicos como, iluminação pública, fornecimento d’água e energia elétrica, transporte coletivo, pavimentação, saneamento básico, posto de saúde, escolas, creches e outros serviços.

As décadas de 1980/90 foram marcadas pela preocupação crescente na política de preservação e construções de novos espaços destinados ao lazer e aos eventos culturais. Podem-se ressaltar as recuperações das ruas centrais da cidade, removendo os calçadões, devolvendo o trânsito livre, além da reforma e recuperações de algumas praças centrais.

Quanto a construções de novos espaços, destacam-se o Parque do Povo, o Parque da Criança, o Museu Vivo da Ciência e Tecnologia, ginásio de esportes o Meninão, centro de comercialização Luiza Motta, Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo, Centro de Incubação de empresas do Parque Tecnológico, Reurbanização do Açude Velho. Também foram realizados melhoramentos das ruas de grande circulação através do mapeamento asfáltico dos espaços verdes no centro da cidade, além de canais de expansão de rede de água e esgotos (OLIVEIRA, 2007).

Campina Grande vai aos poucos preenchendo gradativamente espaços vazios na malha urbana no decorrer dos próximos anos, tomando feição de cidade “moderna” proporcionando o surgimento de avenidas, loteamentos ampliando bairros e nas áreas centrais inicia-se o crescimento vertical.

2.2 Caracterização Geográfica

Localização

O município de Campina Grande – PB de acordo com o IBGE (2010) encontra-se na Mesorregião do Agreste Paraibano e na Microrregião de Campina Grande entre as coordenadas 07° 13' 11" e 7° 28' 20" Sul e 35° 52' 30" e 36° 28' 20" Oeste com uma área de 621 Km², a uma Altitude de 552 Metros e Densidade de 612 Hab/Km². Os municípios Limítrofes são ao Norte, Lagoa Seca, Massaranduba, Pocinhos e Puxinanã; ao Sul com Boqueirão, Caturité, Fagundes e Queimadas; Leste com Riachão do Bacamarte e a Oeste com Boa Vista (Figura 02).

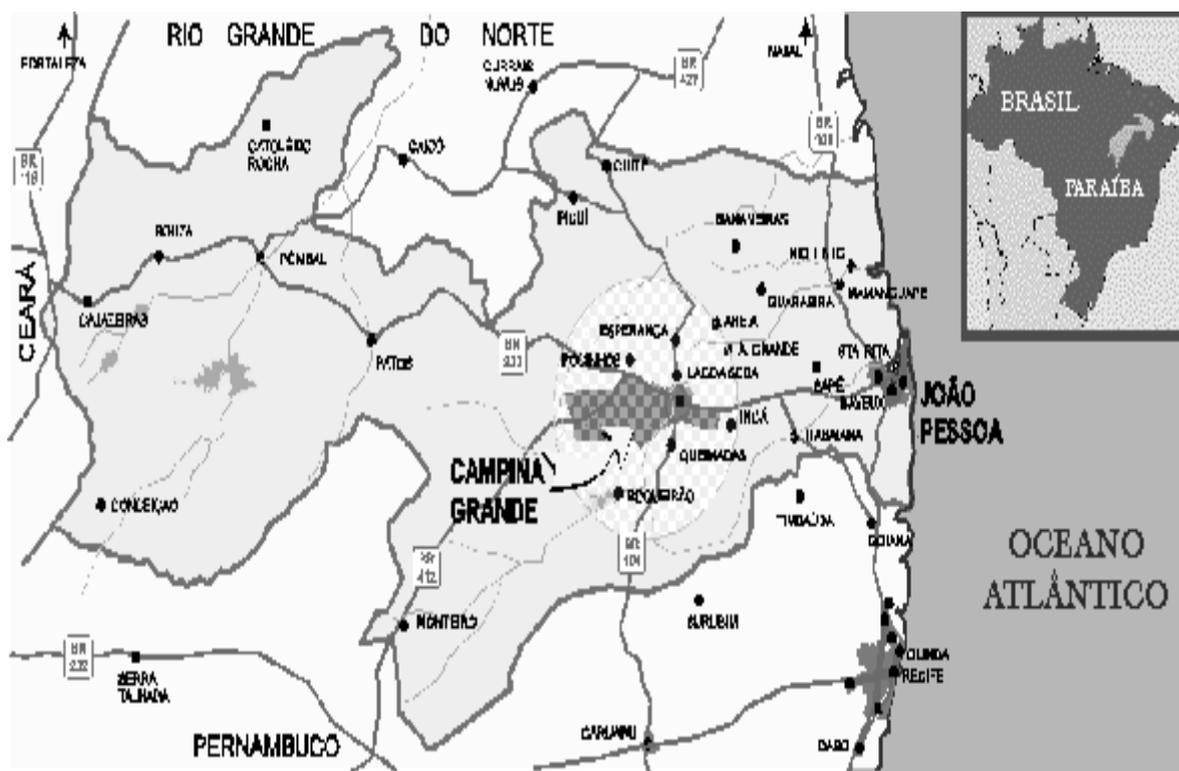


Figura 02: Mapa da Paraíba com delimitação do município de Campina Grande.
Fonte: <http://www.helderarocha.com.br/paraiba/campinagrande/geografia.htm>.

O município encontra-se dividido nos bairros: Acácio Figueiredo, Alto Branco, Araxá, Bela Vista, Bodocongó, Castelo Branco, Catolé, Centenário, Centro, Cidades, Conceição, Cruzeiro, Cuités, Dinamérica, Distrito Industrial, Estação Velha, Glória, Itará, Jardim Borborema, Jardim Continental, Jardim Paulistano, Jardim Tavares, Jeremias, José Pinheiro, Lauritzen, Liberdade, Louzeiro, Malvinas, Mirante, Monte Castelo, Monte Santo, Nações, Nova Brasília, Novo Bodocongó, Palmeira, Pedregal, Prata, Presidente Médice, Quarenta, Ramadilha, Sandra Cavalcante, Santa Cruz, Santa Rosa, Santa Terezinha, Santo Antônio, São José, Serrotão, Tambor, Três Irmãs, Universitário, Velame e Vila Cabral. (Figura 03).

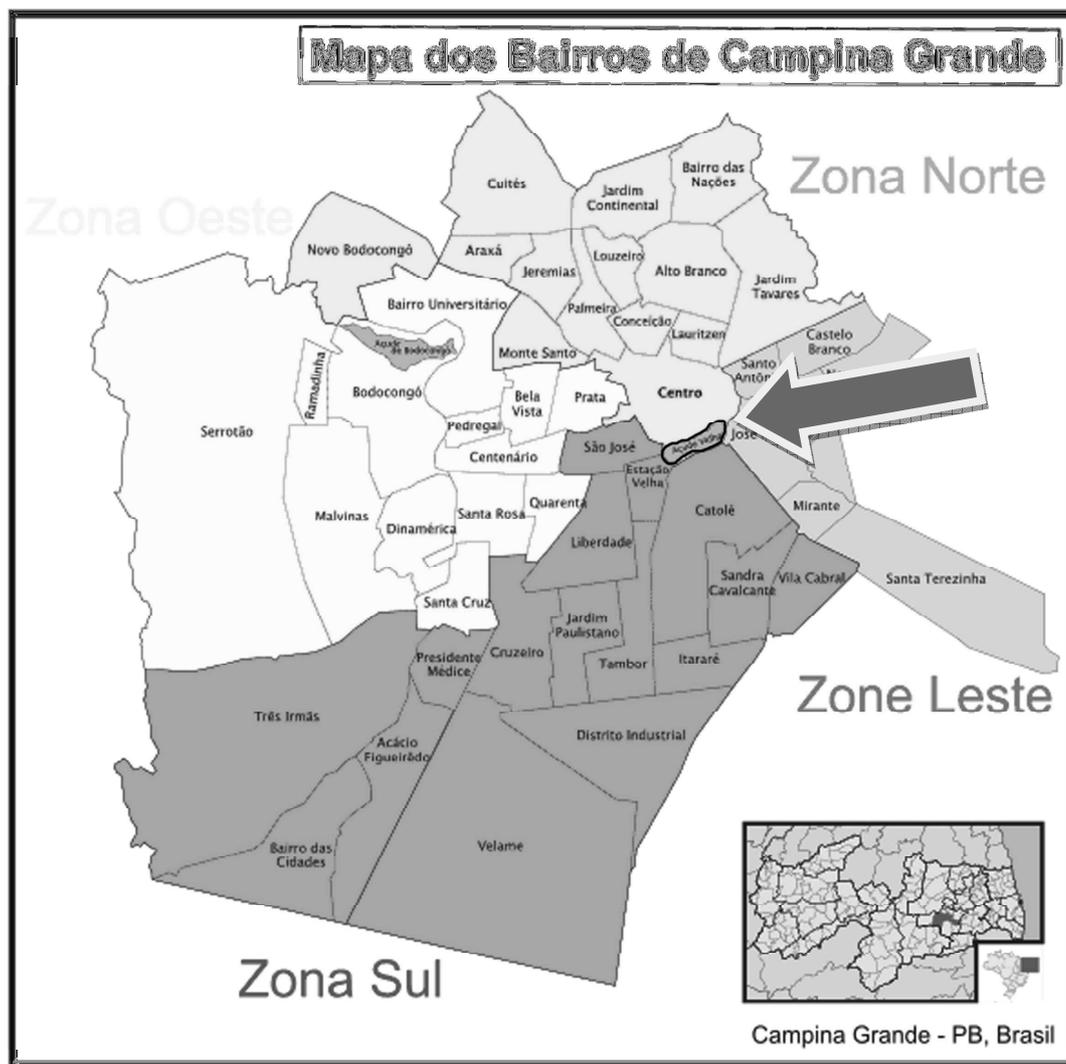


Figura 03: Mapa dos bairros da Campina Grande – PB, com destaque para o Açude Velho.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/campina_grande.

Hidrografia

A rede hidrográfica da cidade de Campina Grande é formada pelos riachos Bodocongó, afluente do rio Paraíba, o qual corta a cidade no sentido norte-sul, riacho do Catolé, afluente do rio Paraíba e o rio Ingá onde a nascente se encontra localizada no município de Campina Grande afluente também do rio Paraíba.

O município de Campina Grande é abastecido pelo Açude Epitácio Pessoa (Açude de Boqueirão), que foi construído no ano de 1958, onde possui 42 Km de extensão e pouco mais de 418.088.514 metros cúbicos de água.

No centro Urbano de Campina Grande não existe nenhum reservatório de água de grande expressividade, no entanto o Açude Velho que no passado teve importância para o desenvolvimento da cidade é hoje Cartão Postal da cidade valorizado e disputado territorialmente.

O açude Velho, depois de mais de um século de constantes e providenciais serviços dispensados de quase todas as suas obrigações, vai se transformando em motivos de embelezamentos da cidade, ornamentando e dando-lhe a graça e a feição dos centros mais adiantados em função do elevado grau de urbanização em seu entorno, onde constitui um espaço de lazer, de eventos e de comércio, cuja ocupação está cada vez mais constante, apesar da especulação imobiliária nas suas adjacências (OLIVEIRA, 2008).

Clima

A distribuição do clima da Paraíba está relacionada com a localização geográfica. Situada entre regiões ecologicamente distintas: Brejo e Litoral; Sertão e Cariri, a cidade de Campina Grande apresenta condições ambientais de área sub-úmida de transição, ou seja, quanto mais próximo do litoral, mais úmido será o clima: quando mais longe mais seco. Essa variação climática do litoral para o interior reflete-se, também, na ocorrência de diferentes tipos de solo e vegetação do Estado.

O clima local, de acordo com a classificação de Köppen é do tipo Aw'i, caracterizado como megatérmico, tropical sub-úmido. Por estar localizada também em uma região alta, beneficia-se de temperaturas menores e de uma ótima ventilação, o que proporciona um clima ameno e agradável em todos os meses do ano. A temperatura média anual oscila em torno dos 22 graus centígrados, podendo atingir 30°C nos dias mais quentes 15°C nas noites mais frias do ano (RAMOS, 2002).

A umidade relativa do ar, na área urbana, varia entre 75 a 83%. As mais baixas temperaturas acontecem entre os meses de maio a agosto e as mais altas ocorrem de Janeiro a Março e de Outubro a Dezembro.

Entre dezembro e março, são comuns as “trovoadas”, acompanhadas de fortes aguaceiros de grande intensidade e pequena duração, os períodos de chuvas mais intensas, abril a agosto, a precipitação pluvial chega a atingir, em média 520,55 mm.

Perfil Sócio-econômico

Sua atividade econômica gira em torno de vários setores, como Agropecuária, Extração Vegetal, Indústria Extrativista, Indústria de Transformação, Construção Civil, Comércio Varejista, Comércio Atacadista, Transportes e Comunicações. Abrigando quatro pólos Industriais: Couro e Calçado, Têxtil e Vestuário nas áreas do Algodão comum, Algodão colorido e Confecções, Informática e Minerais Não-Metálicos.

Dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que no ano de 2010 a sede municipal de Campina Grande concentra em seu espaço uma população de 383.941 habitantes.

O (Quadro 01) apresenta dados da população total e Urbana de Campina Grande, bem como o incremento populacional e a taxa de crescimento intersencitário residente na sede do município, onde foram analisados, segundo Ramos (2002) os acréscimos da população Urbana entre os censos demográficos de 1970 a 2010.

Censos Demográficos	População Total*	População Urbana	Incremento na População Urbana	Taxa de Crescimento Intersencitário(%)
1970	174.649	164.864	49.657	—
1980	225.887	222.102	57.238	34,72
1991	302.521	298.520	76.418	34,41
2000	333.738	328.444	29.924	10,02
2010	383.941	367.209	38.765	16,27

Quadro 01. Crescimento da População de Campina Grande – PB: Censos de 1970, 1980, 1991 e 2010.

Fonte: IBGE – Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991, 2000, 2010.

(*) População Urbana e Rural da sede municipal, excluindo os Distritos.

De acordo com o Quadro 01, verifica-se que entre 1970 e 1980 a cidade de Campina Grande apresentou um Incremento populacional na ordem de 57.238 habitantes, representando um percentual de crescimento nesses dez anos, de 34,72%. Entre 1980 e 1991, essa população Urbana foi acrescida com mais de 76.400 habitantes representando uma percentagem de 34,41%, em dez anos. Entre o período 1991 a 2000, concentrava-se a mais em seu espaço, 29.924 habitantes equivalendo a um aumento percentual de 10,02%. E o último período Intersencitário entre 2000 a 2010, concentrava-se a mais em seu espaço, 38.765 habitantes equivalendo a um aumento percentual de 16,27%.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.

3.1 A Construção do Açude Velho: Elementos estruturais, agentes sociais fixos e fluxos.

Em 1828, a seca era a pior já presenciada na jovem região onde os índios da tribo Ariús foram dominados. A sociedade rural predominava, a população ia aumentando e as pessoas já começavam a encontrar dificuldades para matar a sede e manter o verde de suas plantações. Sendo assim, o governo Provincial da Paraíba, autorizou o início das obras de construção de um reservatório que pudesse ser suficiente para todos. Tendo custado aos cofres públicos a importância de um conto de réis. Mas, acrescenta que no ano seguinte enviou ao Ministro do Império a quantia de dois contos e trezentos mil réis para o mesmo serviço, do que se conclui que só nesse ano ficou ele terminado, (ALMEIDA, 1962, p. 105).

Dois anos depois, em 1830, o Açude Velho estava pronto. Suas águas vinham do “Riacho das Piabas” o qual corria do bairro da “Palmeira”. Ao seu redor não paravam de chegar as famosas tropas de burros e seus condutores. Em suas bagagens, muito mais que produtos de todas as espécies (tecidos, alimentos, utensílios do lar, dentre outros), eles traziam o que se chamava de “civilização” e aos poucos, foram povoando a vila e abrindo as portas da “Nova Rainha” para um futuro promissor.

Durante muitos anos, constituiu o Açude Velho o maior reservatório público do Planalto da Borborema. Foi o elemento que assegurou a sobrevivência da vila e depois, durante décadas, da cidade. Servia para tudo e para todos, era o recurso único da população nas épocas de estiagem, utilizada a água para todas as necessidades, não havia outra fonte onde o gado das cercanias dessedentasse-se (ALMEIDA, op.cit).

Com o término de sua construção, o Açude Velho passou a reunir a população às suas margens. Só não se misturava mesmo a sociedade Latifundiária, pois seu isolamento representava status e poder. Existiam três famílias dominantes no Latifundiário campinense: Os Oliveira Ledos (“orgulhosos” e “desconfiados”), Os Nunes e Os Vianas, (CÂMARA, 1943).

A rivalidade entre elas contribuiu bastante para o crescimento econômico e o desenvolvimento local, em busca de conquistar a simpatia dos moradores, eles queriam mostrar o quanto detinham poder e riqueza, atributos necessários para dominar aquela região. Quando uma família trazia novidade, a outra se via na obrigação de fazer o mesmo.

Na contramão desse poder, no centro conhecido da Vila (atualmente a região próxima à catedral de Nossa Senhora da Conceição e da Feira Central) residiam pessoas quase em miséria. Com o aumento da população, em pouco tempo a quantidade de água no reservatório passou a ser insuficiente e, assim foram iniciadas as construções de mais dois Açudes: O Açude Novo (1830) e o Açude de Bodocongó (1915). Também começou a ser construída a rede de esgotos da cidade, mas não havia escape seguro para toda ela e, mais uma vez o Açude Velho foi usado, desta vez como depósito de todo esse processo.

A situação havia mudado muito desde a construção do Açude. Em 1857 as mazelas da seca haviam sido superadas, dando lugar a outras, lixo, fezes e lama de chiqueiros começavam a correr rumo ao Açude Velho. Assim, doenças causadas pela precária estrutura sanitária da denominada Vila de Campina se espalharam assustadoramente, pois parte da população foi dizimada pela endemia Cólera – Morbus. Dos cerca de 17 mil habitantes da Vila, 1547 morreram por causa da doença. Também houve surtos de febre amarela e varíola.

Tais acontecimentos fizeram com que a Câmara dos Deputados propusesse e legitimasse uma lei que proibia certos hábitos comuns para época, como lavar roupas e pescar dentro do Açude. Porém pouco foi levado a sério, já que as multas recaíam apenas sobre os opositores à assembléia provincial da Paraíba, onde até hoje a população continua alguns costumes, como tomar banho.

A lei provincial nº 137 de 11 de Outubro de 1864, finalmente elevou a próspera Vila de Campina à categoria de cidade. Houve uma época em que alguns iam “esperar o Sol” as quatro da madrugada, após cantarem em conjunto a parte do Ofício Divino, chamada Laudes, diversas pessoas iam às margens do Açude Velho esperar o raiar do sol.

(Disponível em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php>).

O tempo passou e chegou a época áurea do algodão, produto de exportação de Campina Grande. Muito já se falou sobre a riqueza desse período, mas pouco se sabe das conseqüências maléficas que a “Liverpool” brasileira sentiu. Em 1950, a cidade estava cada vez mais estruturada, a política ganhava destaque, grandes nomes surgiam no cenário campinense e eles foram de fundamental importância para o que se conhece hoje da cidade.

A região do Açude Velho estava ainda com ares provincianos, descuidada e inabitada. O índice de criminalidade cresceu significativamente naquela área considerada central, foi então que o médico Elpídio de Almeida, natural de Areia – PB, se elegeu prefeito de Campina Grande, por dois mandatos (1947 a 1951 e 1955 a 1959). Influenciado pelas mudanças e pelo crescimento nacional pós-Vargas, Elpídio fez uma verdadeira revolução no cenário urbano da Rainha da Borborema, com destaque maior na área de saúde.

Construiu a primeira maternidade da cidade (que hoje leva seu nome), criou a liga estadual contra Tuberculose e fundou a sociedade médica do município. Urbanizou ruas e deu melhor visibilidade à cidade. Foi ele, também o pioneiro no processo de urbanização e reestruturação do complexo do Açude Velho. Tomou a iniciativa de transformar aquele espaço no Cartão Postal da cidade. Para isso, plantou palmeiras imperiais em torno do seu reservatório, tornando aquele espaço mais acessível à sociedade e aumentando a segurança em suas adjacências.

Com o progresso trazido na gestão de Elpídio de Almeida, chegaram à energia elétrica da usina de Paulo Afonso (1956) e o primeiro jornal diário da cidade (1957). Em Campina Grande nesse período, a TV já havia chegado e, aos poucos o pólo industrial começava a ser implantado. Em 1964, a cidade recebeu de presente um dos monumentos mais característicos de sua história, “Os Pioneiros da Borborema” que até hoje continua às margens do Açude Velho, mostrando como esse local se modificou, como se observam em forma de monumentos nas (Figuras 04 e 05), as quais mostram as raízes do povo campinense (Disponível em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php>).

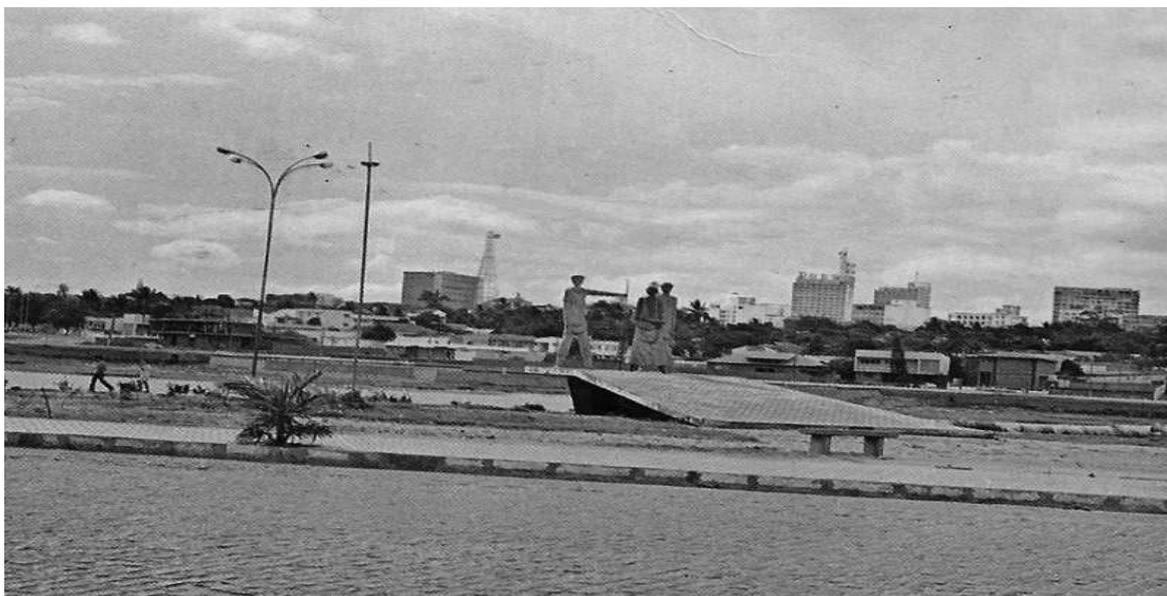


Figura: 04. Vista dos “Pioneiros da Borborema” às margens do Açude Velho, início da década de 1970.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthead.phpt>.



Figura: 05. Vista atual dos “Pioneiros da Borborema” às margens do Açude Velho. Pesquisa de Campo Junho de 2011

A cidade nos últimos anos passou por uma reforma urbana, buscando a revitalização da área central da cidade, como relata Sá (2000, p.187). “processou-se, ainda, a reurbanização do Açude”, contribuindo assim para o processo de urbanização no seu entorno.

Como o Açude Velho está localizado na região central de Campina Grande e uma ligação intrínseca com o patrimônio histórico, econômico e cultural da cidade, trata-se de uma área de grande renovação urbana, principalmente através do processo de urbanização, que produziram mudanças significativas no seu entorno, como demonstra os transeuntes através do (Gráfico 01) onde 64% dos entrevistados descreveram que no entorno do Açude Velho mudou muito com o passar dos anos através da urbanização no local, 20% afirmaram ter mudado pouco, e 16% afirmaram não ter mudado nada no seu entorno.

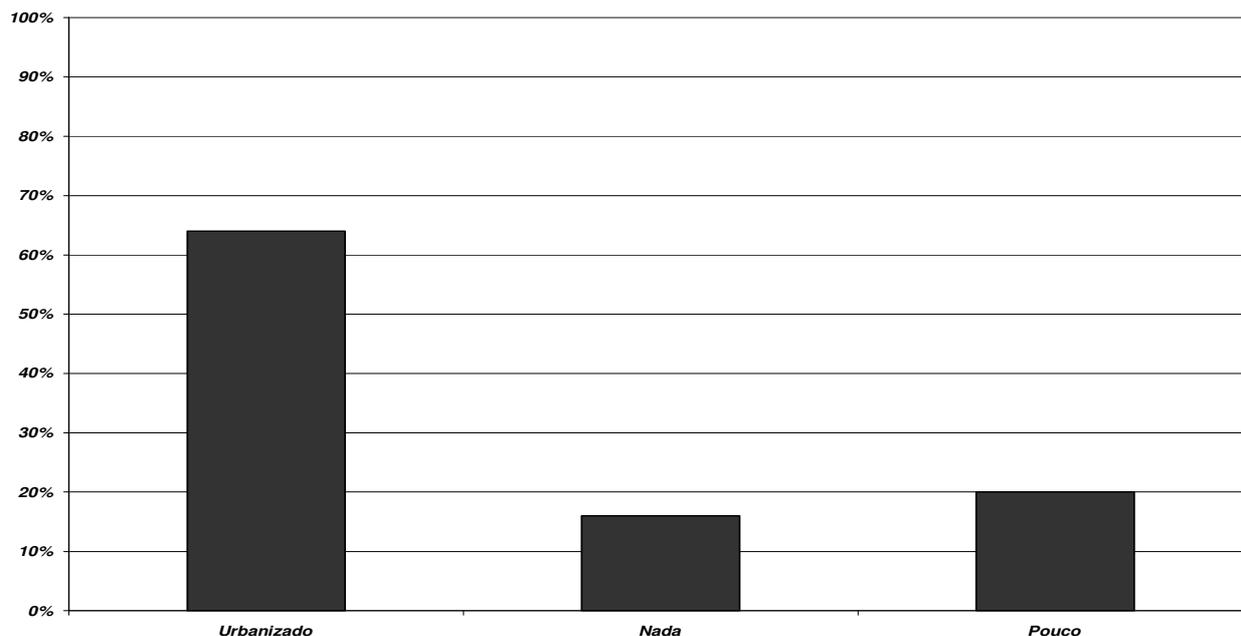


Gráfico 01. Como os transeuntes descrevem a paisagem pretérita e atual do Açude Velho.

O Açude Velho foi complementado em outras administrações, cujos projetos tiveram o objetivo de preservar as características do patrimônio histórico e cultural da cidade, e também trazer equipamentos de cultura e recreação, conseqüentemente, levando a uma dinâmica em suas atividades comerciais.

3.1.1 Indicadores Econômicos.

O Açude Velho como já foi citado na pesquisa, é um dos principais cartões postais e patrimônio histórico para a cidade. No seu entorno há uma dinâmica de atividades comerciais, com restaurantes, bares, quiosques entre outros.

Através de entrevistas com os comerciantes donos dos quiosques, foi feito um levantamento com quanto tempo possuíam o estabelecimento (Gráfico 02), onde 10% afirmaram possuir o estabelecimento até 1 ano, 20% possui seu comércio de 1 a 5 anos, 30% de 5 a 10 anos, enquanto 40% afirmaram possuir o estabelecimento há mais de 10 anos.

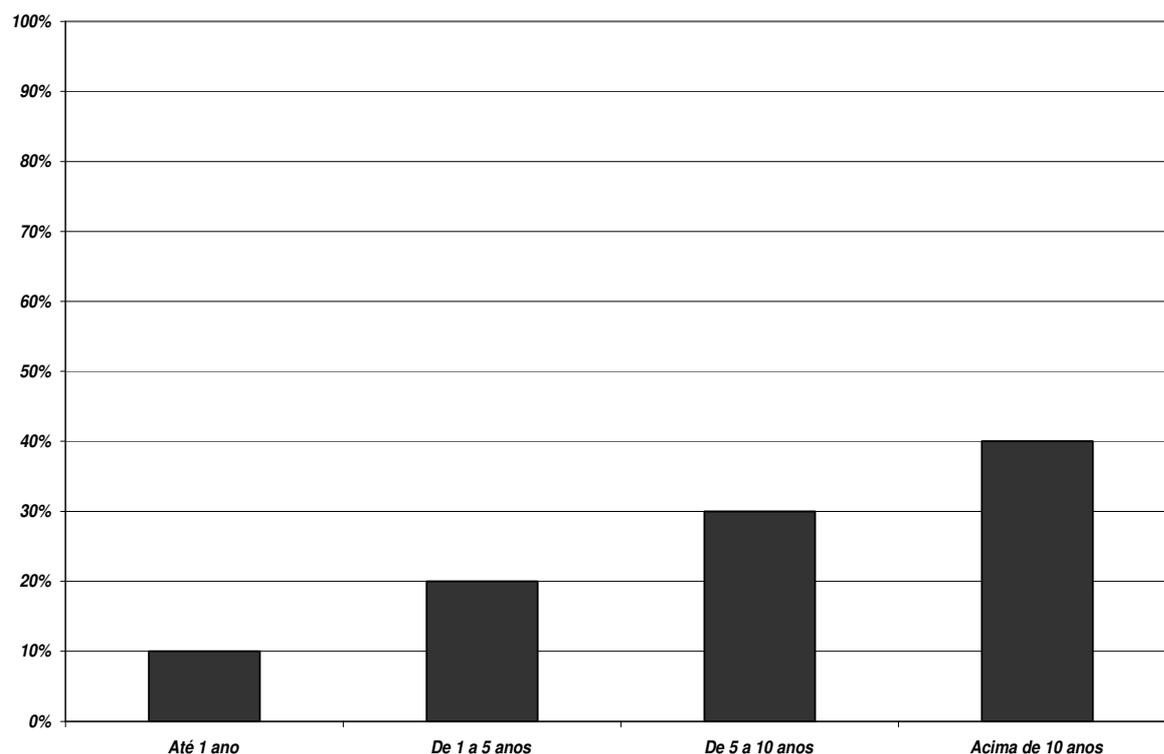


Gráfico 02. Há quanto tempo os comerciantes possuem o estabelecimento.

O indicador renda mensal do estabelecimento (Gráfico 03), informa que 60% dos donos de quiosques afirmaram receber uma renda de até 2 Salários Mínimos, demonstrando uma situação econômica bastante difícil, já que não existem condições de custear todas as necessidades com esse valor, 10% tem uma renda de até 3 Salários Mínimos, e 30% afirmaram uma renda superior a 3 Salários Mínimos.

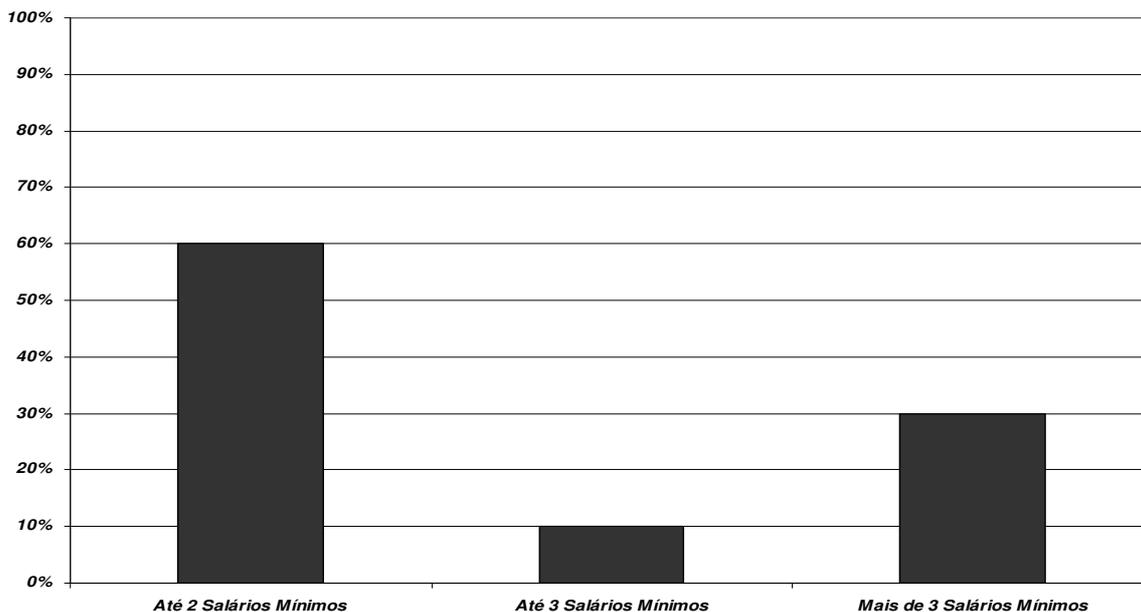


Gráfico 03. A renda mensal do estabelecimento.

Nos gráficos citados, pode-se observar que apesar do Açude Velho ser bastante dinâmico em suas atividades comerciais, alguns comerciantes passam por dificuldades financeiras em seus estabelecimentos, onde muitos precisam ter outros rendimentos para manter seu negócio. As principais reclamações são a falta de interesse do poder público, para uma melhoria na infra-estrutura, segurança no local, limpeza, entre outros fatores determinantes para uma melhoria no setor econômico do local.

3.2 Urbanização e Renovação Urbana do Açude Velho.

Inicialmente projetado para servir como alternativa para uma das piores secas que assolava toda a região da Serra da Borborema na década de 1820, o Açude Velho tornou-se décadas mais tarde um dos pilares primordiais para o crescimento de Campina Grande.

As águas que vinham do riacho das Piabas deram vida a uma área que impulsionou a expansão de uma cidade promissora, que foi vencendo as adversidades climáticas e já um século mais tarde, caracterizou-se como um dos principais cartões postais de toda Paraíba, sendo um patrimônio histórico da cidade. (Figura 06).



Figura: 06. Vista aérea do Açude Velho, Campina Grande - PB.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=709038>. Acesso em 10/06/11

Sua finalização foi em 1830, aonde a área era bem mais além dos 250m² de hoje. Durante o restante do século XIX, o local serviu para abrigar moradores nas adjacências, onde estes aproveitavam o açude para várias tarefas do dia a dia, desde dar banhos em animais, como cavalos muito usados na época, até aproveitar a construção e transformá-la em um imenso balneário para o lazer das famílias. Como mostra a (Figura 07), onde o registro espetacular de uma época em que o Açude Velho era usado como ponto turístico, pois observa-se os pedalinhos. A partir desse registro fotográfico, é possível fazer uma comparação com uma imagem atual (Figura 08), mostrando como esse local se desenvolveu através das construções de modernos edifícios.



Figura: 07. Pedalinhos no Açude Velho final dos anos 1970.
Fonte: <http://profsdehistoriacgpb.blogspot.com>.



Everson Carmelo de Oliveira

Figura: 08. Edifícios Localizados no entorno do Açude Velho.
Pesquisa de campo Junho de 2011

A intenção é mostrar a transformação urbana que o Açude Velho passou em sua história, ele acompanhou a transformação de Campina Grande que se intensificou a partir da segunda metade do século XX.

Diante da discussão, até os anos de 1970, os finais de semana ensolarados eram sinônimos de agitação no local. Uma multidão de pessoas de todos os lugares da cidade chegava até aquela imensidão de água, e passava todo dia usufruindo da área que mesmo 180 anos após sua construção continua atraindo milhares de pessoas.

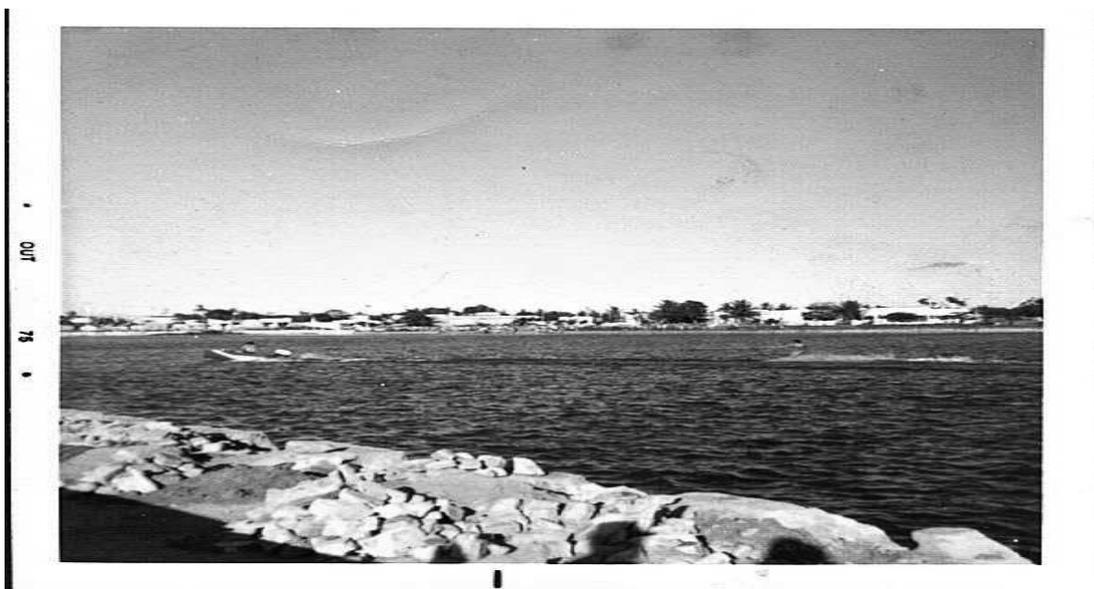


Figura: 09. Prática de Esqui Aquático no Açude Velho, década de 1970.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com>.

A (Figura 09) mostra a surpreendente prática de Esqui Aquático no Açude Velho, em meados da década de 1970, onde nota-se na foto a construção da área aonde viria a ser o Bar 2002, grande point da juventude da época. A imagem dá uma idéia de como aquela área poderia ser melhor cuidada e utilizada para o lazer da população local.

A (Figura 10) foi captada durante a realização de uma competição de natação, parte dos eventos comemorativos em um dos aniversários de Campina Grande na década de 1940. Na imagem podem ser notados os participantes da competição dentro d'água, ao fundo a algodoeira de Pedro Sabino, e a antiga chaminé que foi desmontada em razão da venda do prédio da Caranguejo.



Figura: 10. Vista do Açude Velho, Campina Grande-PB.

Fonte: Jornal A União, 10 de Janeiro de 1943, ano L, nº 113, p.8.

Testemunha tanto da “época áurea” do Açude Velho quanto da pós-urbanização, é o Jornalista e pesquisador Tobias Di Paci. Hoje com 84 anos ele descreve a área que de 1940 até 1950 transformava o cotidiano dos campinenses.

Aquilo era uma verdadeira praia, não tinha nada ao redor do Açude. Ele era muito fundo, para se ter uma idéia, quando nós íamos nadar, amarrávamos duas cabaças na cintura para não afundar. Nessa época ele era muito maior, ia até onde é a Federação das Indústrias, e as águas ainda corriam até aonde é o complexo Plínio Lemos.

Nesse cenário, Tobias Di Paci ainda fez questão que além do crescimento que o Açude Velho proporcionou a cidade, foi na mesma época onde Campina Grande era o maior produtor de Algodão do Brasil. Segundo ele destacou, pela proximidade onde o reservatório de água foi construído com a linha férrea que levava o “ouro branco”, contribuiu bastante para que esta área central aglomerasse cada vez mais pessoas que tanto vinham de outras partes da cidade, quanto de outras regiões do Estado.

3.3 Densificação do uso do solo no entorno do Açude Velho.

Os anos de chumbo e a década perdida haviam passado, e nada havia sido feito para retirar os esgotos das casas e fábricas campinenses do Açude. Em 1995, foi elaborado um projeto para a melhoria das suas condições e com a execução desse projeto mais de 70% da rede de esgoto deixou de poluir suas águas. Foram construídas também o calçadão e a ciclovia. As pessoas passaram a dedicar sempre uma parte do tempo do seu dia para praticar exercícios físicos no local, melhorando o aspecto populacional naquela área. Construções valiosas se ergueram, como edifícios residenciais, e o campinense enfim, pode andar à tardinha na sua “orla”.

Nesta mesma década, foi construído o Parque da Criança (1993) no espaço em que era ocupado pelo curtume dos Mota, tornando o ambiente ainda mais verde e aprazível. Com essa valorização, veio a exploração turística do local, sempre que se busca uma cena campinense na memória, vê-se as águas do Açude Velho, assim como o MASP, em São Paulo, o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, ou a lagoa do parque Sólon de Lucena em João Pessoa. Esse potencial de beleza trouxe para às margens do Açude, os maiores eventos da cidade, como a Micarande, que teve até o ano de 2008 boa parte do trajeto dos blocos ao seu redor, o encontro para a Nova Consciência Cristã na semana santa, e o maior São João do Mundo, que fica a poucos metros do Açude. Esses eventos atraem milhares de turistas, movimentando a economia da cidade.

As atividades do setor terciário o tornam bastante dinâmico. Assim o Açude Velho transforma-se em uma das áreas mais atrativas da cidade, evidenciando o atuante capital imobiliário neste local, com forte verticalização e valorização elevada do solo urbano.

Hoje se acha o Açude Velho, depois de mais de um século de existência, transformado num ponto de convergência da cidade, o espaço voltado para o lazer, através de eventos turísticos, prática de exercícios físicos, possui monumentos históricos, e edificações, futuros projetos como do Museu da Música Regional, (Figuras 11 e 12), logo sendo fator determinante para a crescente especulação imobiliária em suas adjacências.



Figura 11 – Localização do futuro Museu da Música Regional.
Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/show.php>.

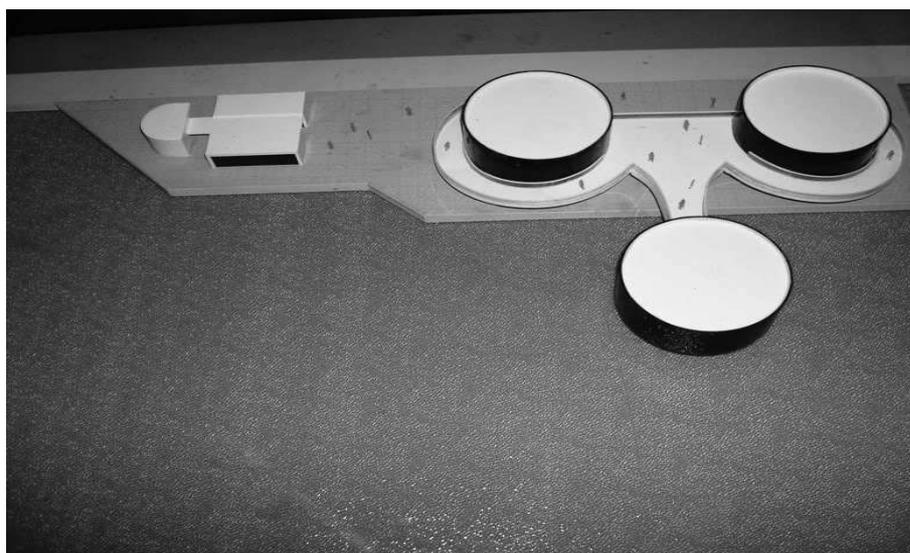


Figura 12 – A estrutura física do Museu da Música Regional, projetado por Oscar Niemeyer em homenagem a Jackson do Pandeiro.
Fonte: <http://skyscrapercity.com/show.php>.

Diante desse contexto, o jornalista Tobias Di Paci afirma que ninguém de sua época poderia imaginar que a área onde está localizado o Açude Velho poderia se tornar tão valorizada em Campina Grande. Mesmo tendo sido o ponto inicial para a expansão da cidade, nem o mais progressista dos campinenses imaginaria que o Açude Velho iria se tornar em uma das áreas mais nobres da Campina Grande.

Quando o prefeito Elpídio de Almeida mandou sanear e urbanizar toda aquela região, ninguém pensava que um dia ali fosse abrigar prédios tão luxuosos, uma das áreas mais nobres da Campina Grande. Nós imaginamos que era um grande passo para o progresso, mas não pensávamos que fosse representar tanta modernidade como temos hoje (Tobias Di Paci).

Percebe-se, portanto, que uma gama de serviços e atividades que em décadas passadas não existiam, hoje dá uma nova dinamicidade ao entorno do Açude Velho, que se apresenta não só como um local de ponto de convergência voltado para o comércio ou conjuntos residenciais, e sim como um local que oferece, desde opções de lazer, investimentos, entretenimento, até os diversos meios de emprego e trabalho, como em instituições de ensino, prestadoras de serviços, assistência social, saúde, entre outros.

Logo, a especulação imobiliária no entorno do Açude Velho é notável nesta área da cidade, pois hoje, a localidade é considerada uma das mais valorizadas da cidade, inclusive no que se refere à habitação, como os edifícios residenciais modernos, até porque morar numa localidade que ofereça segurança e a poucos metros ou quarteirões, estabelecimentos de saúde, lojas de departamento, escola, universidade, área de lazer, significa além de comodidade, economia.

3.3.1 Índice de Qualidade de vida.

O Açude velho está inserido num local privilegiado, tendo um desenvolvimento de práticas voltadas para o bem-estar da população. Nos questionários com os transeuntes sobre há quanto tempo se relaciona no local, exercendo que atividade (Gráfico 04), constatou que 12% dos entrevistados afirmaram que caminham no entorno do Açude Velho há 1 ano, 24% caminham de 1 a 3 anos, 22% afirmaram caminhar de 3 a 5 anos, 8% caminham de 5 a 7 anos, 6% caminham de 7 a 9 anos, e 28% maior percentual afirmaram caminhar há mais de 9 anos.

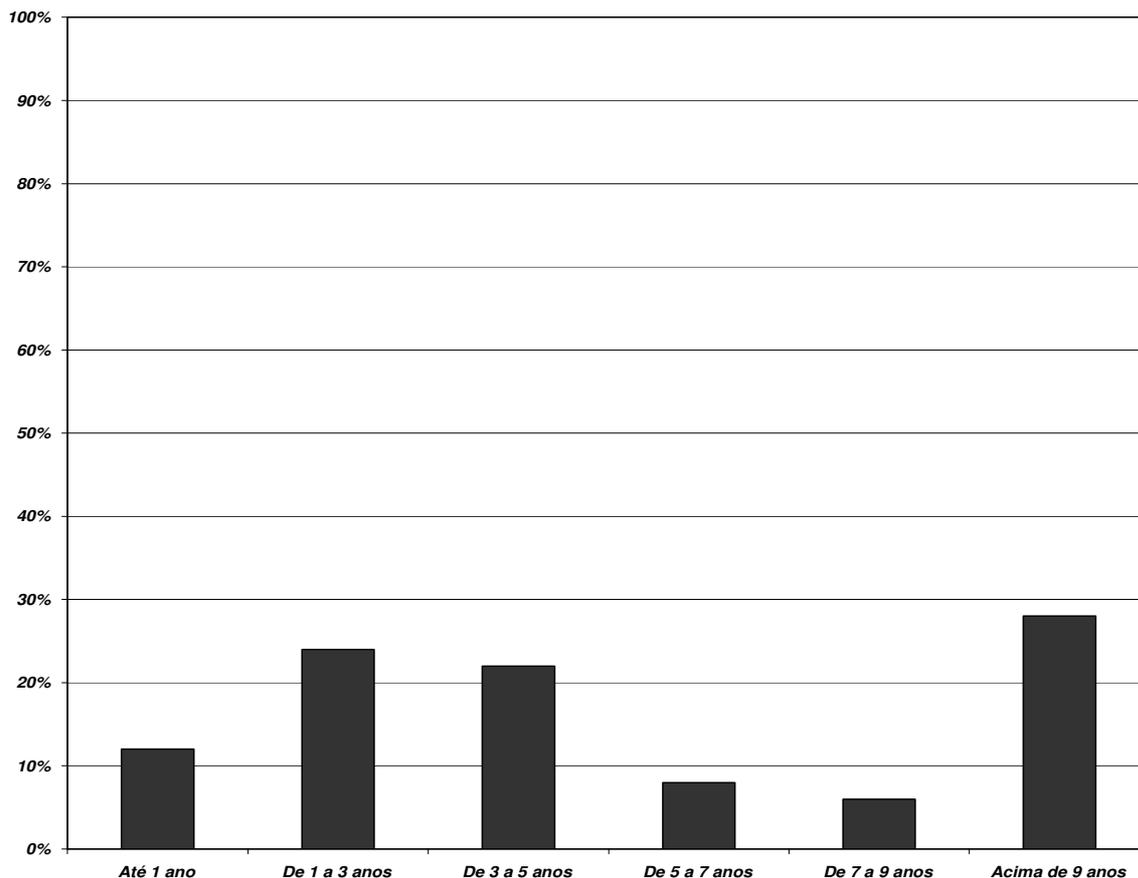


Gráfico 04: Há quanto tempo faz atividades no entorno do Açude Velho.

A prática de atividades físicas tem sido altamente valorizada nos dias atuais. O stress das cidades urbanas, questões ligadas ao sedentarismo, má alimentação, entre outros fatores, são elementos significativos que impulsionam as pessoas a procurarem minimizar esses efeitos ligados a qualidade de vida.

O entorno do Açude Velho tem impulsionado muitas pessoas a usufruírem da potencialidade dos exercícios físicos realizados em contato direto com o meio ambiente natural, o que tem um papel decisivo no contexto na melhoria do bem-estar (Gráfico 05).

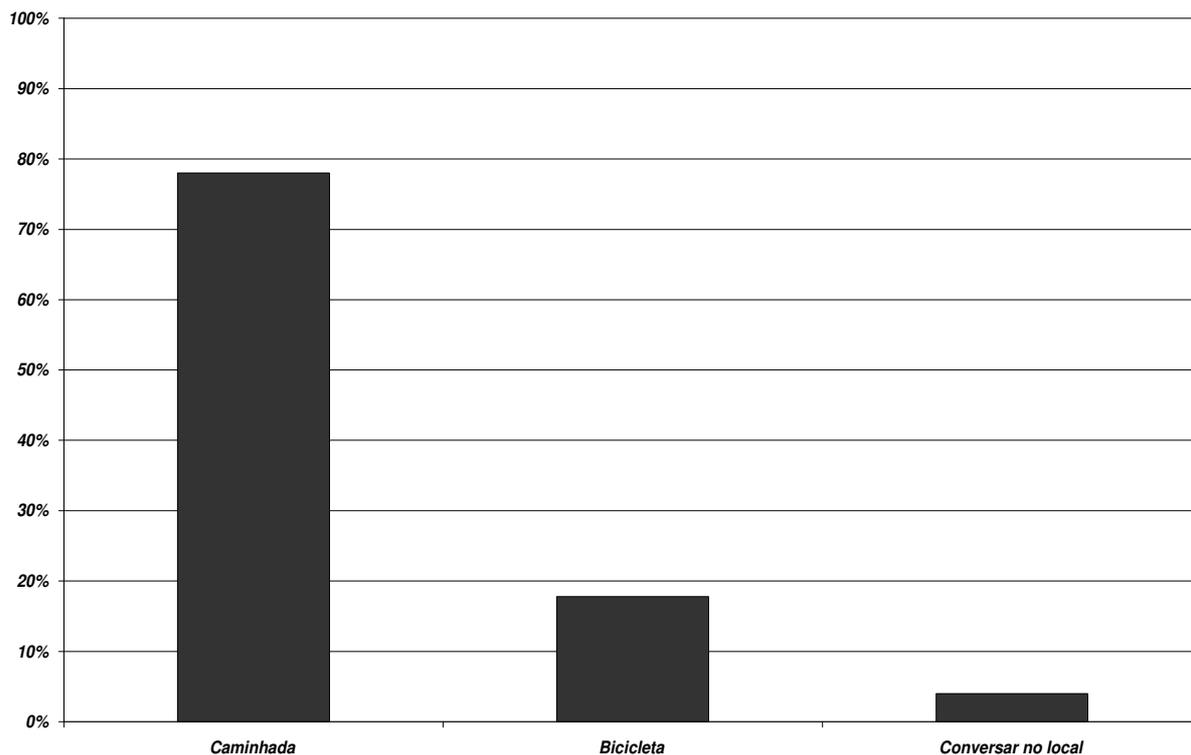


Gráfico 05: Que atividade exerce no entorno do Açude Velho

As principais atividades exercidas no Açude Velho mostram que, 78% dos entrevistados afirmaram que praticam a caminhada ou corrida no local, 18% praticam seus exercícios de bicicleta, enquanto que 4% afirmaram apenas conversar no local.

3.4. Mudança no conteúdo social.

A paisagem urbana refletirá assim a segregação espacial fruto de uma distribuição de renda estabelecida no processo de produção, como se observa no entorno do Açude Velho. Tal segregação aparece no acesso a determinados serviços, à infraestrutura, aos meios de consumo coletivo, onde o choque é maior quando se observa as áreas destinadas à moradia, como os edifícios modernos (Figura 13).



Everson Camelo de Oliveira

Figura: 13. Edifícios modernos localizados no entorno do Açude Velho, representando a segregação social.

Pesquisa de campo junho de 2011

Pode-se destacar a questão de interesses gerados e relacionados a tal espaço no entorno do Açude Velho, como objetos de especulação imobiliária e reservas de valor, por causa dos Edifícios Modernos, (processo de verticalização) restaurantes, Quiosques, área de lazer, entre outros, há uma valorização crescente das áreas urbanas em suas adjacências. (Figura 14).



Everson Camelo de Oliveira

Figura 14. Pessoas caminhando no entorno do Açude Velho com destaque para os Quiosques.

Pesquisa de campo junho de 2011

Em virtude das transformações no qual o espaço urbano da cidade de Campina Grande – PB, o Açude Velho, localizado um ponto estratégico da cidade, foi sofrendo transformações marcantes, sobretudo pela rápida verticalização apresentada.

Somekh (1997, p. 20) define a verticalização como:

A multiplicação efetiva do solo urbano possibilita pelo uso do elevador. A essa idéia associam-se a característica da verticalidade, o aproveitamento intensivo da terra urbana (densidade) e o padrão de desenvolvimento tecnológico do século XX, demonstrando-se a relação verticalização/adensamento.

A valorização objetiva de uma determinada área ocorre a partir da concentração de elementos relacionados ao mercado imobiliário, tais como: infraestrutura, equipamentos públicos, acessibilidade a bens e serviços. Para compor a valorização subjetiva temos elementos tais como paisagem, áreas verdes, vizinhança, segurança e privacidade (COELHO, 2007, p. 182).

A valorização objetiva e ou subjetiva de uma determinada área provoca, de imediato, a elevação do custo da terra que, por sua vez, influencia diretamente no custo da moradia. Dessa forma, terras caras induzem ao processo de verticalização, a fim de "compensar" o preço da terra.

Não obstante, o que realmente influencia a verticalização desses bairros, são os atributos de valorização objetiva e subjetiva da área. Trata-se de bairros, dotado de infraestrutura em geral, equipamentos públicos, serviços urbanos, atividades comerciais e ampla acessibilidade (ruas pavimentadas e transporte público), motivo pelo qual a legislação incentiva o adensamento. No tocante aos aspectos subjetivos, o Açude Velho, um dos principais cartões postais da cidade, está inserido no Centro, influenciando a valorização da área, devido aos atributos paisagísticos. Nestor de Figueiredo (*apud* Queiroz, 2008, p.168) já dizia que "os açudes que envolvem o centro urbano são motivos de embelezamento", o que indica que o arquiteto procurou valorizar as propriedades estéticas e os efeitos visuais do espelho d'água no seu Plano. Esse pensamento de Nestor foi posteriormente colocado em prática.

Em suma, o fato é que os principais lançamentos imobiliários verticais (e os mais caros) estão implantados no perímetro próximo ao Açude Velho. Às margens do Açude, destaca-se o condomínio Solar das Acácias Residence, de elevado padrão construtivo e que é considerado hoje o prédio mais alto da cidade com 33 andares, ao seu lado outro condomínio, Imperial Home Service de 24 andares, (Figura 15), e Belvedere Residencial com 13 andares. (Figura 16).



Everson Camelo de Oliveira

Figura: 15. Vista frontal dos Condomínios, Solar das Acácias Residence, e Imperial Home Service.
Pesquisa de campo junho de 2011



Everson Camelo de Oliveira

Figura: 16. Vista frontal do Belvedere Residencial no entorno do Açude Velho.
Pesquisa de campo junho de 2011

Portanto, o processo de verticalização de Campina Grande inicialmente se estruturou de modo pontual no Centro, voltado para o uso misto (residencial mais comercial ou serviços, estes dois últimos no térreo). No entanto, nas duas últimas décadas a verticalização cresceu rapidamente e se voltou para o setor residencial. Esse processo vem se espacializando na malha urbana de forma bastante pulverizada atingindo bairros de diferentes características estruturais e socioespaciais e implantado em diferentes direções, como Centro, Prata (oeste), Mirante (sudeste), Catolé (sul), Jardim Tavares (nordeste), entre outros.

Campina Grande experimentou muitos planos e legislações constituindo parte da historiografia do seu planejamento urbano. Segundo trabalho publicado pelo SESC, na década de 1960, “houve e há muitos planos, porém falta planejamento. Os planos já sobram, mas a administração não os executa e o povo não os exige” (SESC, 196?, p. 37).

Desses planos, destaca-se o plano de remodelação, extensão e embelezamento da cidade de Campina Grande, ainda na década de 1930 (Nestor de Figueiredo) e outras obras empreendidas pela administração pública na década seguinte, as quais marcaram um sentimento de progresso e de modernidade (BONATES, 2010).

O Plano Diretor, nos moldes em que se conhece hoje, passou a ser elaborado em Campina Grande nos anos 1990, quando várias cidades brasileiras elaboraram Planos Diretores, cumprindo a determinação constitucional que definia esse plano como o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana, aprovado pela Câmara Municipal e obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes. Dessa forma, em 1996 foi instituído, pela Lei nº 3.236, o Plano Diretor de Campina Grande (PDCG). Neste, o território municipal foi dividido em Zona Rural e Urbana, sendo esta última subdividida em quatro subzonas: Zonas Adensáveis, de Ocupação Indicada, Não Adensáveis e de Expansão Urbana. Segundo o Plano: “As delimitações Físico-Geográficas de cada zona serão definidas em anexo desta Lei, a ser incorporado, no prazo máximo de 60 (sessenta) dias, ao Plano Diretor do Município de Campina Grande” (Campina Grande, 1996, p. 5).

Não se sabe, ao certo, se esse prazo foi cumprido, nem tampouco se o zoneamento foi definido. O fato é que o Código de Obras do Município (Lei nº 4.130, de 07 de agosto de 2003), faz referência (nos seus anexos) a um mapa intitulado “Plano Diretor-macrozoneamento”, datado de 2000, contendo as mesmas zonas do PDCG de 1996 e uma tabela com coeficientes de aproveitamento atrelados aquele zoneamento (Figura 17). Diante do exposto, essas informações serão analisadas em conjunto com o PDCG (1996), facilitando o entendimento do aparato institucional do município (BONATES, 2010).

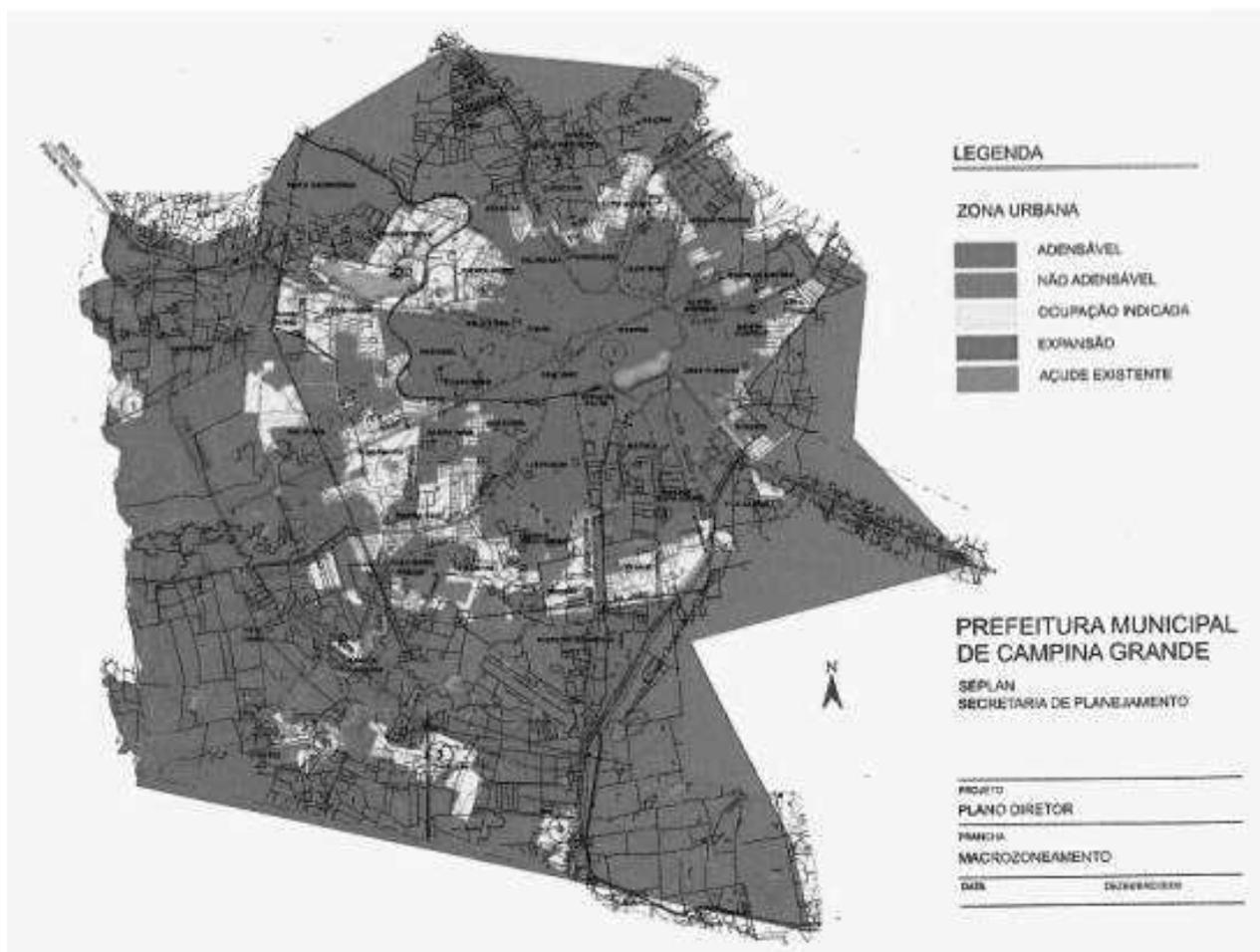


Figura: 17. Zoneamento referente ao plano diretor de Campina Grande de 1996, constante no código de obras.

Fonte: Código de obras (Lei nº 4.130, de 7 de Agosto de 2003)

Após dez anos, foi aprovada em 2006, a revisão do Plano Diretor (PDCG 2006), instituído pela Lei complementar nº 003, de 9 de outubro de 2006. Neste, é apresentado novo zoneamento para a Zona Urbana do município de Campina Grande, mantendo a divisão da cidade em quatro zonas: Zona de Qualificação Urbana, Zona de Ocupação Dirigida, Zona de Recuperação Urbana e Zona de Expansão Urbana (Figura 18).

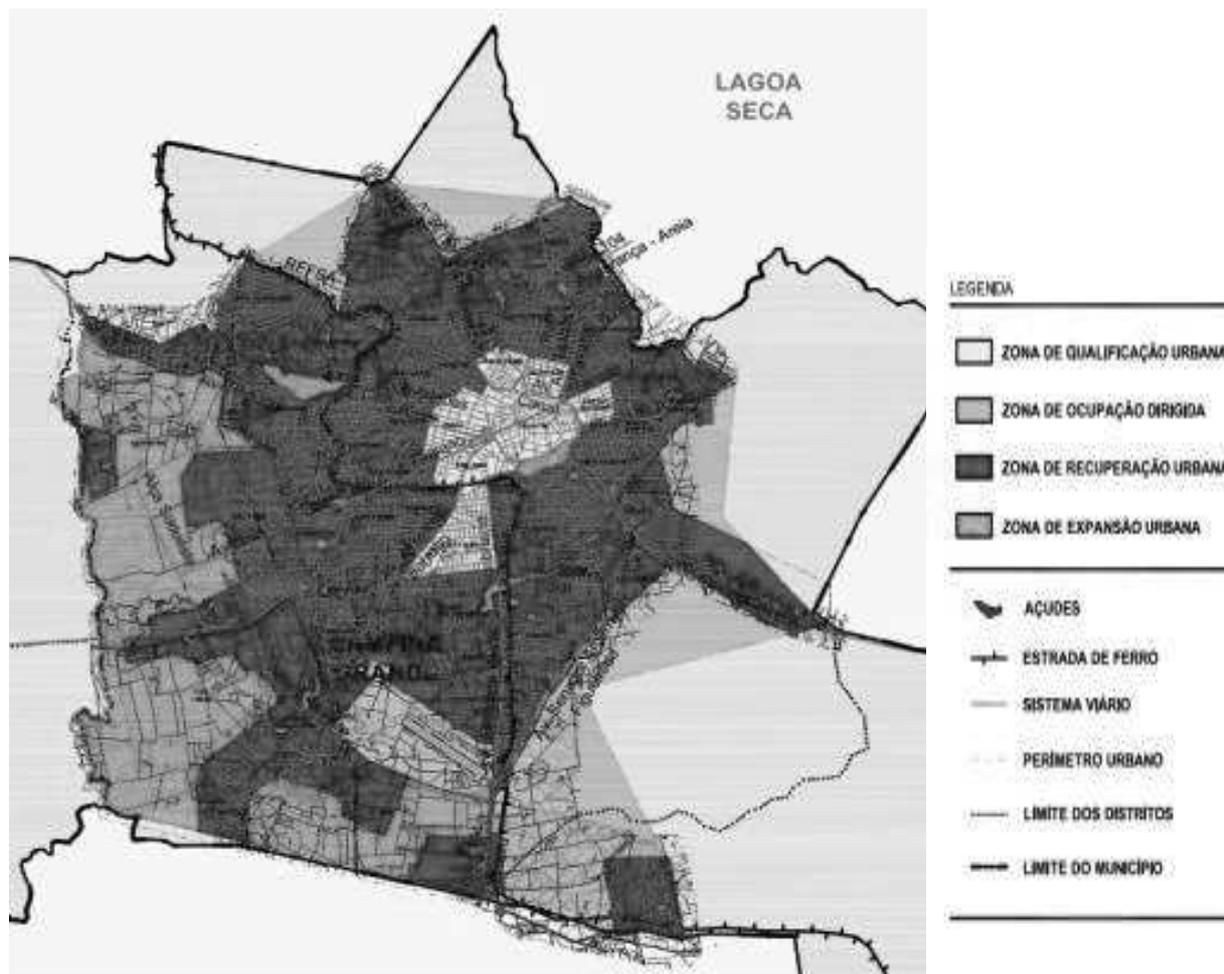


Figura: 18. Zoneamento referente ao plano diretor de Campina Grande de 2006, constante no próprio plano.

Fonte: Plano diretor de Campina Grande (Lei complementar nº 003, de 09 de Outubro de 2006)

Quadro 2. Análise comparativa entre os Planos Diretores de Campina Grande de 1996 e 2006 e sua matriz de equivalência.

Analisando os zoneamentos urbanos propostos, pode-se afirmar que há concordâncias entre cada uma das quatro diferentes zonas definidas pelos dois PDCG, a respeito das diferentes nomenclaturas. Isso significa que mudaram-se os nomes das zonas, mas os objetivos continuaram os mesmos, como mostra, comparativamente, o (Quadro 02), a maior mudança constatada foi em relação à delimitação territorial de cada zona.

Quadro 02. Análise comparativa entre os Planos Diretores de Campina Grande de 1996 e 2006 e sua matriz de equivalência.

Plano Diretor de 1996 (PD 1996)		Plano Diretor de 2006 (PD 2006)		Matriz de equivalência entre as zonas dos dois PD e redefinição dos limites de 1996 para 2006
Zonas	Objetivos	Zonas	Objetivos	
Zona Adensável	É aquela onde é possível a intensificação do uso e ocupação do solo, em virtude de as condições físicas serem propícias e existir infraestrutura urbana disponível.	Zona de Qualificação Urbana	Caracteriza-se por usos múltiplos, sendo possível a intensificação do uso e ocupação do solo, em virtude de as condições físicas serem propícias e da existência de infraestrutura consolidada.	CONCORDÂNCIA TOTAL ENTRE OS OBJETIVOS DAS ZONAS DOS DOIS PD
				LIMITES REDUZIDOS
Zona Não Adensável	É aquela onde o uso e ocupação do solo sofre restrições à intensificação, por inexistirem condições físicas favoráveis e ou infraestrutura urbana instalada.	Zona de Ocupação Dirigida	É aquela onde o uso e a ocupação do solo sofrem restrições à intensificação, por inexistirem condições físicas favoráveis, equipamentos urbanos ou infraestrutura urbana instalada, sendo passível de parcelamento de baixa densidade ocupacional urbana.	CONCORDÂNCIA TOTAL ENTRE OS OBJETIVOS DAS ZONAS DOS DOIS PD
				LIMITES REDUZIDOS
Zona de Expansão Urbana	É aquela onde o uso e ocupação do solo destinam-se ao crescimento da cidade. Quando já em processo de ocupação, terá prioridade na instalação de infraestrutura urbana, necessária a sua viabilização.	Zona de Expansão Urbana	É aquela onde o uso e a ocupação do solo destinam-se ao crescimento da cidade.	CONCORDÂNCIA TOTAL ENTRE OS OBJETIVOS DAS ZONAS DOS DOIS PD
				LIMITES REDUZIDOS
Zona de Ocupação Indicada	É aquela onde o uso e ocupação do solo se fará com uma menor intensidade, pois mesmo dispondo de condições físicas favoráveis, a infraestrutura urbana instalada ainda é incompleta. Terá prioridade na melhoria da infraestrutura urbana, necessária a sua viabilização.	Zona de Recuperação Urbana	Caracteriza-se pelo uso predominantemente residencial, com carência de infraestrutura e equipamentos públicos e incidência de loteamentos irregulares e núcleos de baixa renda, tendo como um dos seus objetivos complementar a infraestrutura básica e implantar equipamentos públicos, espaços verdes e de lazer.	CONCORDÂNCIA PARCIAL ENTRE OS OBJETIVOS DAS ZONAS DOS DOIS PD
				LIMITES AUMENTADOS

Fonte: Planos diretores de Campina Grande de 1996 e 2006. Elaborado por Mariana Fialho Bonates.

Os dois planos mantêm uma seqüência de segmentos das zonas de interesse que a Prefeitura qualificou como sendo de importância para a melhoria da cidade, zonas essas que se destacam as Zonas de Qualificação Urbana e Zona de Recuperação Urbana.

Um ponto bastante discutido é a gestão orçamentária participativa, ou seja, a participação da população na elaboração do plano e da gestão dos recursos oriundos de impostos pagos. Mas a participação da população não ocorre efetivamente no escritório de orçamento participativo, no qual é discutido em plenária com representantes dos bairros que necessitam de uma maior ação da prefeitura, são pontos que só se encontram no plano de 2006 que prevê a participação da população na gestão.

A antiga Zona Adensável sofreu uma expressiva redução territorial ao ser redefinida como Zona de Qualificação Urbana. Sua nova delimitação corresponde aos bairros do Centro, Liberdade, São José, Prata, Santo Antônio, Lauritzen e Conceição (todos contíguos ao Centro). Destes, o Centro e a Prata são os principais pontos de foco do processo de verticalização (Lauritzen também, mas em menor escala). São objetivos desta zona:

- Ordenar o adensamento construtivo, permitindo o adensamento populacional onde este ainda for possível, como forma de aproveitar a infra-estrutura disponível;
- Evitar a saturação do sistema viário;
- Ampliar a disponibilidade de equipamentos públicos, os espaços verdes e de lazer.

Percebe-se um paradoxo, como permitir o adensamento populacional e ao mesmo tempo, evitar a saturação do sistema viário em um bairro como o Centro, onde a estrutura urbana é marcada por um traçado com heranças coloniais (implantação e espacialização, ainda contendo ruas estreitas e sinuosas). A questão é como verticalizar uma área que já está saturada e com trânsito caótico, onde o Código de Obras (2003), na antiga Área Adensável (cujo perímetro é maior que a Zona de Qualificação Urbana), as prescrições urbanísticas são as mais permissivas no contexto urbano, tendo taxa de ocupação de 50% para usos residenciais. Não por coincidência, é exatamente no Centro que foi construída a edificação mais alta da cidade, com 33 pavimentos, o Solar das Acácias Residence. (BONATES, 2010).

A Zona de Expansão Urbana, embora tenha permanecido com o mesmo nome e na mesma área de atuação, ou seja, na direção oeste e sudoeste, também sofreu uma redução nos seus limites físico-territoriais com a revisão do PD. O mesmo processo de redução dos limites territoriais se verificou com a antiga Zona Não Adensável, atual Zona de Ocupação Dirigida.

Por outro lado, a antiga Zona de Ocupação Indicada (PDCG, 1996), parcialmente correspondente à atual Zona de Recuperação Urbana (PDCG, 2006), teve seus limites aumentados com a revisão do PD, abrangendo grande parte da cidade. Com essa nova delimitação, o Plano Diretor passou a considerar grande área territorial para ser recuperada, devido à “incidência de loteamentos irregulares e núcleos de baixa renda”.

O Plano traçou como objetivos dessa zona:

- Complementar a infraestrutura básica;
- Implantar equipamentos públicos, espaços verdes e de lazer;
- Promover a urbanização e a regulamentação fundiária dos núcleos habitacionais de baixa renda;
- Incentivar a construção de novas habitações de interesse social;
- Conter a ocupação de áreas ambientalmente sensíveis.

Sendo assim, a verticalização de Campina Grande não foi direcionada pela legislação urbanística, esta tem pouca influência e parece ter sido elaborada sem se basear em um diagnóstico mais preciso da realidade local, que indique os processos espaciais, em especial, aqueles de valorização imobiliária. O preço da terra e os objetos imobiliários (valorização objetiva), bem como os atributos paisagísticos e as idéias de status e segurança (valorização subjetiva), parecem ter sido o principal determinante na verticalização da cidade, ao passo que o Código de Obras e o Plano Diretor, juntos (des)orientam a produção do espaço.

Resumindo, o processo de verticalização em Campina Grande desenvolveu-se, num primeiro momento (décadas de 1950 e 1960), como símbolo de modernidade. Mais recentemente, com o PDCG de 1996, a verticalização se manifestou “coincidentalmente” na Área Adensável e na Zona de Ocupação Indicada, ou seja, aquelas zonas, cujos coeficientes de aproveitamento eram os maiores segundo o Código de Obras de 2003.

O termo coincidência é explicado pelo fato de que, segundo o zoneamento do PDCG de 1996, grande parcela territorial da cidade era considerada Área Adensável, não interferindo legalmente na escolha deste bairro em detrimento daquele, motivo pelo qual se percebe a pulverização de edifícios verticais em diferentes pontos da cidade. Os requisitos de valorização objetiva e subjetiva é que determinaram a verticalização de fato, o que também pode ser constatado nas propagandas imobiliárias.

3.4.1 Indicadores dos problemas enfrentados no Açude Velho.

Apesar de o Açude Velho ser privilegiado por ser um local propício ao lazer, existe grandes problemas enfrentados pelos transeuntes, onde 44% afirmou que o principal problema enfrentado é a falta de segurança no local, 14% a falta de iluminação, 20% a limpeza do local, 12% afirmaram ser a organização da área, enquanto 10% afirmaram que precisa refazer a calçada no entorno do Açude Velho (Gráfico 06).

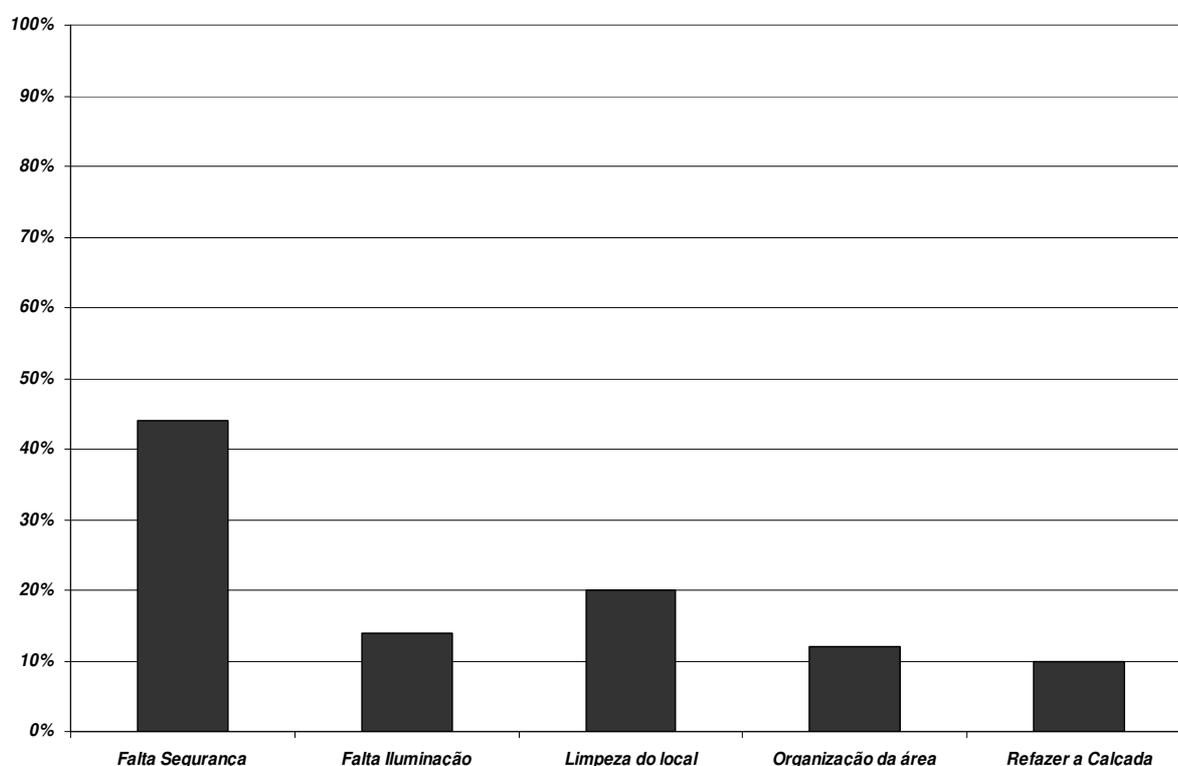


Gráfico 06: Os problemas enfrentados pelos transeuntes no entorno do Açude Velho.

Enquanto que 70% dos comerciantes donos dos Quiosques afirmaram que o principal problema enfrentado no local é a falta de segurança, 10% informaram a falta de Infraestrutura no local, e 20% afirmaram que o principal problema é a falta de Iluminação no entorno do Açude Velho (Gráfico 07).

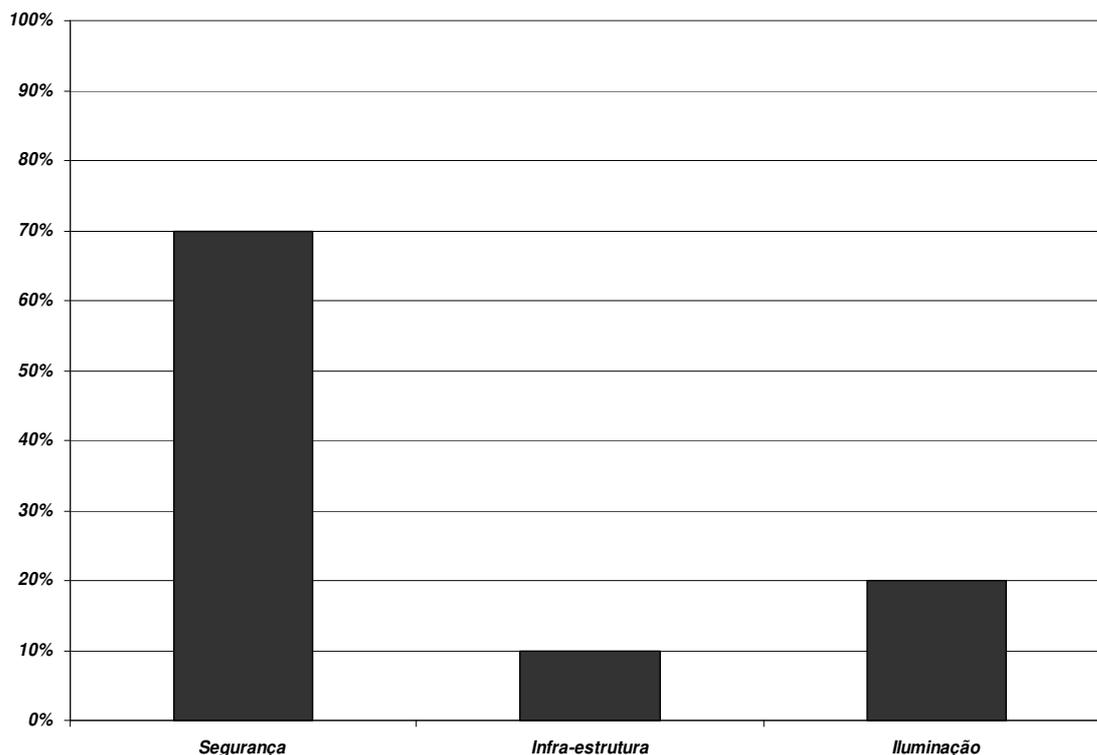


Gráfico 07. Principais problemas enfrentados pelos donos de Quiosques.

Nos gráficos apresentados (Gráfico 06 e 07) com os transeuntes e os comerciantes, há uma semelhança nos problemas enfrentados, principalmente no setor da segurança, maior percentual 44% para os transeuntes e 70% para os comerciantes, seguido de falta de iluminação no local, e melhor infraestrutura em suas adjacências.

3.5. Deterioração ambiental da área.

Apesar de sua plástica que encanta a todos, o Açude Velho continua com problemas que precisam ser solucionados. A associação de proteção Ambiental (APAM) organização não-governamental com sede no município de Campina Grande, está constantemente promovendo, a retirada de milhares de peixes mortos (Figura 15) nas margens do Açude Velho. O trabalho de limpeza começou graças a denúncias feitas por comerciantes que trabalham nos quiosques e pessoas que freqüentam o local. Cada operação de limpeza realizada é retirada vários quilos de peixes mortos que poluem suas águas. Dessa forma, o processo de eutrofização leva a mortes de animais, especialmente peixes, pela falta de oxigênio para respiração e plantas pela falta de oxigênio e pela falta de luz para a realização da fotossíntese.

Segundo Ambientalistas há vários fatores que contribuem para o crescimento da mortalidade de peixes. Uma delas é a superpopulação de peixes, que faz com que o oxigênio da água seja insuficiente para todos os animais. Acredita-se que existam cerca de 1,5 milhões de peixes no Açude Velho, entre Tilápias e Piabas. Outro problema é por causa do despejo de esgoto no Açude, pois ainda existe cerca de cinco galerias que jogam uma grande quantidade de lixo no local, o que compromete sobremaneira a qualidade da água. Ainda, segundo Ambientalistas o caminho para resolver o problema é reduzir cerca de 30% da população de peixes no local e espalhar em todo o Açude plantas aquáticas como a Baronesa (*eichornia crassipes*) (Figura 19), que funciona como filtro, e impede que o lixo se acumule no fundo do manancial. Além disso, através da Coordenadoria do Meio Ambiente e a Curadoria de Meio Ambiente, órgão de Ministério Público responsável por fiscalizar as questões ambientais, fazer um trabalho de conscientização ambiental com donos de quiosques que ficam no entorno de Açude e com pessoas que freqüentam o local.



Figura: 19. Baronesa, planta aquática e peixes mortos no Açude Velho.

Fonte: <http://jovemambientalista.blogspot.com>

A fundação SOS Mata Atlântica, esteve na cidade de Campina Grande, entre 27 e 31 de Outubro de 2010, onde aconteceu o monitoramento da qualidade da água do Açude Velho, realizado no dia 27 às 16h30. A análise apontou que a qualidade da água do Açude está aceitável, indicando que alguns cuidados precisam ser tomados para melhoria da situação da água, como por exemplo, evitar jogar lixo dentro do Açude (Figura 20).



Everson Carmelo de Oliveira

Figura: 20. Lixos jogados dentro do Açude
Pesquisa de campo junho de 2011

O monitoramento da água visa analisar a qualidade dos rios, córregos, lagos e outros corpos d'água em todas as cidades por onde passa o projeto. Para realizar essa análise, a equipe contou com um Kit de monitoramento desenvolvido pelo programa rede das águas da própria ONG. O Kit classifica a qualidade das águas em cinco níveis de pontuação: Péssimo (de 14 a 20 pontos), Ruim (de 21 a 26 pontos), Aceitável (de 27 a 35 pontos), Bom (de 36 a 40 pontos) e Ótimo (acima de 40 pontos). O Açude Velho obteve a soma de 30 pontos.

Os níveis de pontuação são compostos pelo índice da qualidade da água (IQA), padrão definido no Brasil por resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), obtido pela soma de pontuação de 14 parâmetros Físico-Químicos, Biológicos e de percepção, avaliados com auxílio do Kit. Cada um destes pode aumentar de um a três pontos, obtendo um mínimo de 14 e máximo de 42. Os parâmetros são: Temperatura, turbidez, espumas, lixo, odor, peixes, larvas e vermes brancos ou vermelhos, coliformes fecais, oxigênio, potencial hidrogeniônico, níveis de nitrato e de fosfato.

A coordenadora do programa rede das águas, Malu Ribeiro, salienta que os moradores de Campina Grande devem se atentar quanto aos resultados das análises: “Se a qualidade da água permaneceu no nível aceitável, não significa que teve um resultado positivo e sim, que está em estado de alerta. Se nada for feito, a qualidade do Açude pode piorar e agravar a situação tanto da população quanto dos outros seres vivos que habitam o local”. (Diário da Borborema, Campina Grande, 14 de Novembro de 2010, p.10).

3.5.1. Sugestões de medidas de gestão para o Açude Velho.

A pesquisa mostra que as pessoas não se sentem seguras ao caminharem no entorno do Açude Velho em decorrência da precariedade de policiamento na área em estudo, dos transeuntes entrevistados 38% afirmaram ter necessidade de um maior efetivo de policiamento na área, 10% ter mais iluminação no local, 8% colocar banheiros Químicos, 20% afirmaram mais limpeza na área, 16% melhor infraestrutura no local, e 8% outras melhorias como refazer a calçada e evitar cachorros no local (Gráfico 08).

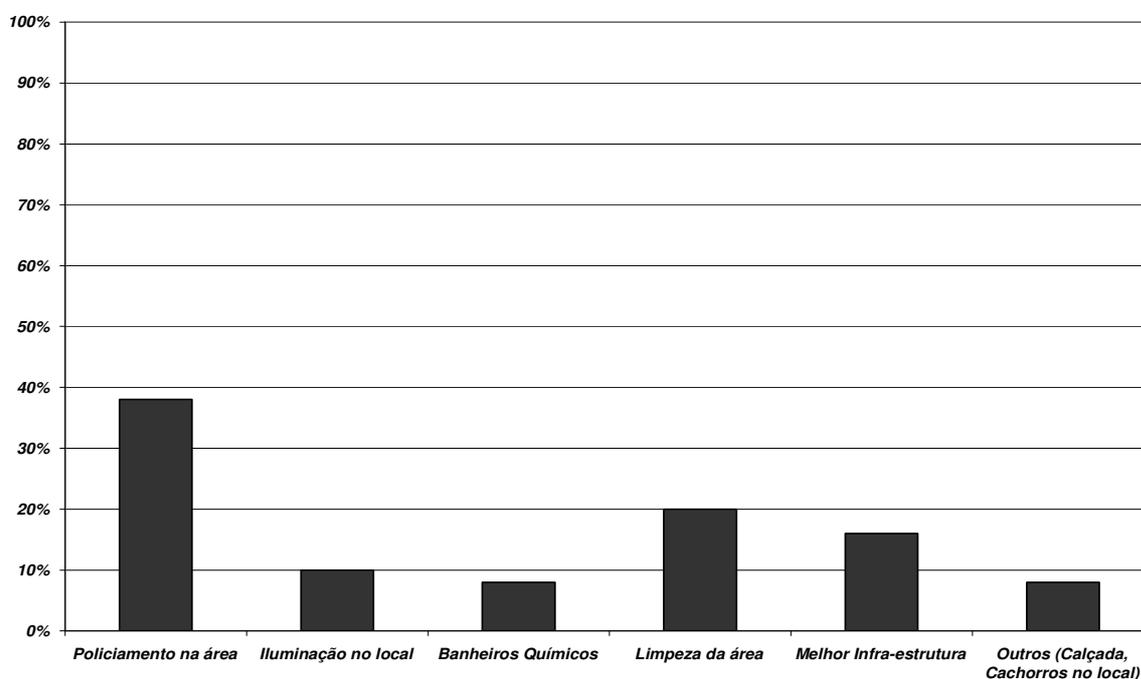


Gráfico 08. O que poderia ser feito para a melhoria no Açude Velho.

Quanto às sugestões para os comerciantes não muda a lógica para o melhoramento do espaço, onde 50% dos donos de Quiosques reivindicaram um policiamento no local, 40% dos entrevistados pediram uma melhor Infraestrutura, e 10% afirmaram que precisa melhorar na iluminação no entorno do Açude Velho (Gráfico 09).

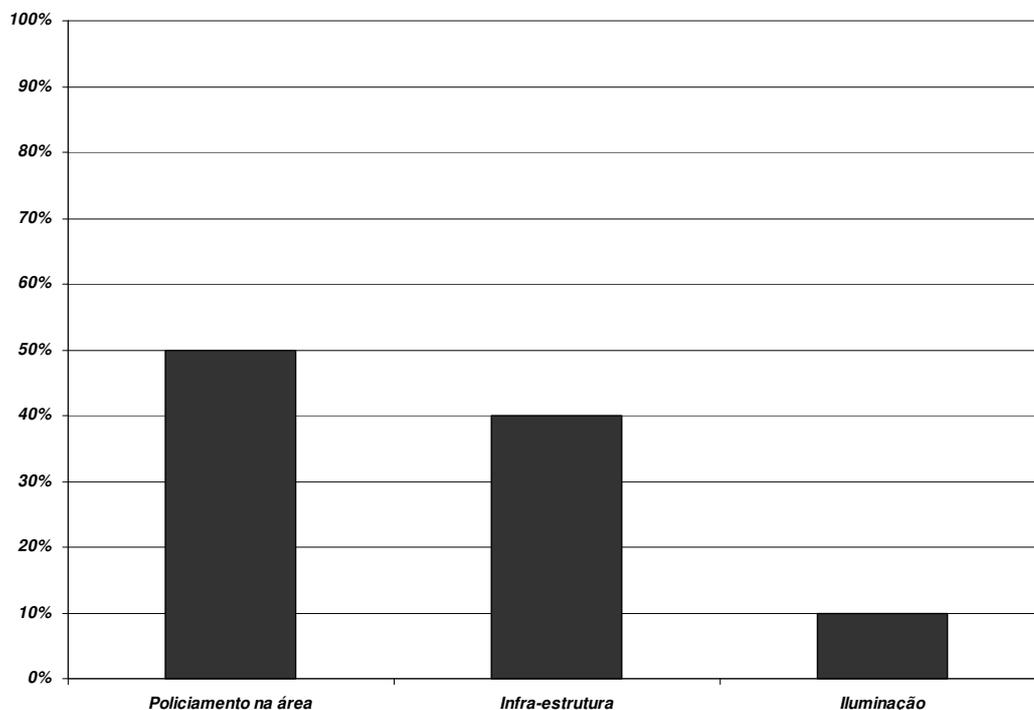


Gráfico 09. Sugestões apresentadas pelos donos de Quiosques para melhoria do espaço.

No entanto há um leque de conseqüências que levam a problemas de ordem social, provocado por falta de uma infraestrutura adequada, gerando transtornos tanto para comerciantes no entorno do Açude, como transeuntes que desfrutam do local para lazer entre outras coisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou reflexões acerca como se deu a modificação da paisagem no entorno do Açude Velho, analisando sua construção e apropriação do seu espaço geográfico, mediante o processo de urbanização, sua importância urbana para a cidade, produzida por suas edificações elevadas (verticalização), comércio e área de lazer para a população.

A grande complexidade das transformações na produção do espaço urbano promove gradualmente a necessidade de um conhecimento aprofundado e talvez seja esse um dos motivos porque os geógrafos têm se interessado cada vez mais pela temática urbana.

A atual configuração espacial do Açude Velho deu-se especialmente a partir da valorização do solo urbano, fato incitado pela atuação paralela dos atores que produzem o espaço como o poder público, os promotores imobiliários e grupos de pessoas onde a ação por cada um destes “determina” a dinâmica da produção espacial, onde a área em estudo passa por uma reprodução do espaço urbano, onde recriam condições para um espaço valorizado, com muitas renovações urbanas, densificação do uso do solo, e comércio intenso no seu entorno.

Diante do exposto e relatado na pesquisa, pode-se constatar a gravidade de alguns problemas, tanto sociais como ambientais no entorno do Açude Velho, através da ineficiência do poder público para explorar desenvolvimento de melhorias estruturais e bem-estar da população, como por exemplo, o Plano Diretor da cidade, logo é muito bem escrito, porém falta melhorar em alguns pontos na prática. Muitos comerciantes e transeuntes sofrem com problemas de características das cidades, principalmente com a falta de segurança no local, onde há um grande índice de assaltos em suas adjacências. Também problemas ambientais causados pelo depósito de esgotos jogados dentro do Açude Velho, causando um mau cheiro. Outro problema citado foi à questão da infraestrutura no seu entorno, onde leva vários outros fatores determinantes para o melhoria do local, como uma melhor iluminação, limpeza nas áreas, banheiros químicos, uma reforma nas calçadas, primordial para um local que é considerado como um dos principais cartões postais da cidade.

Contextualizado neste estudo proposto do espaço geográfico no entorno do Açude Velho, aponta algumas considerações, para uma maior efetividade de ações de poder público, neste caso a Prefeitura Municipal de Campina Grande – PB, para analisar um planejamento urbano e um programa de controle ambiental para o manancial do Açude Velho.

Projetos com finalidades de desenvolvimento de práticas voltadas em prol do bem-estar coletivo, tendo como objetivo a modernidade, embelezamento, sem esquecer de uma formulação de um programa Municipal de controle da qualidade ambiental que possibilite prevenir e corrigir danos ambientais no Açude Velho. Contribuindo não só ao estudo geográfico urbano, como também à gestão ambiental, explorando possibilidades de desenvolvimento para melhorias nas condições de vida, e bem-estar da população no espaço em estudo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Elpídio. **História de Campina Grande**. Livraria Pedrosa, Campina Grande, 1962.
- AMORIM, Léa. **Jornal da Paraíba**. Campina Grande, Sábado, 11/10/1997.
- _____, Léa. **Recortes da Modernidade: A sedução do progresso recria a memória na demolição de patrimônio histórico**. In: Gurjão, e (org) et.al. **Imagens Multifacetadas da História da Campina Grande-PB**. Campina Grande, Prefeitura Municipal de Campina Grande, Secretaria de Educação, 2000.
- ANDRADE, Manoel Corrêa de. **Geografia Econômica**. 8ª ed. São Paulo, Atlas, 1985.
- BONATES, Mariana Fialho. **Leis que (des)orientam o processo de verticalização. Transformações Urbanas. La planificación territorial y el urbanismo desde el diálogo y La participación**. Actas del XI colóquio Internacional de Geocrítica, Universidade de Buenos Aires, 2-7 de Mayo de 2010.
- CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande: Caravela, 1998.
- _____, Epaminondas. **Os Alicerces de Campina Grande**. Campina Grande, Livraria Moderna 1943.
- CARDOSO, Maria Francisca Thereza. **Campina Grande e sua função como capital regional**. Revista Brasileira de Geografia. Ano XXV N° 4, 1963.
- CARLOS, A.F.A. & LEMOS, A.I.G. (org). **Dilemas Urbanos: Novas abordagens sobre a cidade**. Editora Contexto, São Paulo, 2003.
- _____, A.F.A. **Morfologia e Temporalidades Urbanas: O tempo efêmero e o espaço amnésico**. In: __ Novos Estudos da Geografia Urbana Brasileira. Salvador, UFBA, 1999. pg. 161-171.
- _____, Ana Fani Alessandri. **Os caminhos do reflexo sobre a cidade e o urbano**, EDUSP, 1994.
- _____, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**. São Paulo: Contexto, 5ª Edição, 1992.
- _____, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 8ª ed. 2007.
- COELHO, Suely dos Santos. **Elementos de valorização imobiliária em conjuntos habitacionais verticalizados: O caso de Cajazeiras V e XI em Salvador – BA**. In: SERPA, Ângelo (org.) **Cidade popular. Trama de relações sócio-espaciais**. Salvador: EDUFBA, p. 181-206, 2007.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 4º Ed. 2ª Impressão, 2000.
- DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. João Pessoa: A União, 1993.

GONÇALVES, C.W.P. **Paixão da Terra: Ensaios Críticos de Ecologia e Geografia**. Rio de Janeiro. Contexto, 1984.

MARINATO, Cristina Forin. **Determinantes do processo de estruturação do espaço urbano**. Disponível em: www.car.ufes.br/atenos. Acessado em 15/10/2009.

MELO, Josemir Camilo de. **O trem e o crescimento de Campina Grande**. In: OLIVEIRA, Maria José Silva e RODRIGUES, José Edmilson. (orgs) et.al. **Memórias da modernidade campinense: 100 anos do trem Maria Fumaça**. Campina Grande: Editora Agenda, 2007.

OLIVEIRA, M.J.S. & RODRIGUES, J.E. (org). **Memórias da Modernidade Campinense: 100 anos do Trem – Maria Fumaça**. Editora Agenda, Campina Grande, 2007.

OLIVEIRA, Sabrina de Lira. **Deficiência da área verde no centro comercial de Campina Grande-PB e Reflexos sócio-ambientais**. Trabalho Monográfico. UEPB. Campina Grande, 2008.

OLIVEIRA, Júlio César Melo de. João Pessoa-PB. UFPB, 2007. **Monografia (Graduação em Geografia) Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-Campus I.

PINTAÚDI, Silvana. **Debates dos trabalhadores apresentados (Espaço e Estado: Políticas urbanas em discussão)** In: Carlos, A. F. A. & Lemos, A. I. G. (org) et.al. **Dilemas urbanos: Novas abordagens sobre a cidade**. Ed. Contexto, São Paulo, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. Lei nº 3.236, de 08 de Janeiro de 1996. Institui o Plano Diretor do município de Campina Grande e dá outras providências.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. Lei nº 4.130, de 07 de Agosto de 2003. Código de Obras. Dispõe sobre o disciplinamento geral e específico dos projetos e execuções de obras e instalações de natureza técnica estrutural e funcional de Campina Grande e dá outras providências.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. Lei nº003, de 09 de Outubro de 2006. Promove a revisão do Plano Diretor do município de Campina Grande.

QUEIROZ, Marcus Vinícius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: Arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950)**. Dissertação programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 249 p. 2008.

RAMOS, Marília Maria Quirino. **Expansão urbana e alterações dos elementos climáticos em Campina Grande – PB**. Dissertação. UFPB, UEPB, PRODEMA. João Pessoa, 2002.

SÁ, M.B. de. **A paisagem Recriada: Um olhar sobre a cidade de Campina Grande-PB**. In: Gurjão, e (org) et.al. **Imagens Multifacetadas da História da Campina Grande-PB**. Campina Grande, Prefeitura Municipal de Campina Grande, Secretaria de Educação, 2000.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. Editora Hucitel, São Paulo, 1988.

_____, **Pensando o espaço do homem**. 5. Ed. São Paulo: Edusp, 2004.

_____, **A urbanização Brasileira**. 5ª ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Campina Grande: Um centro comercial do Nordeste**. Departamento Nacional SESC, p. 196?, 106.

SILVA, Josefa Gomes de Almeida. **Raízes Históricas de Campina Grande**. In: Gurjão, e (org) et.al. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande-PB**. Campina Grande, Prefeitura Municipal de Campina Grande, Secretaria de Educação, 2000.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. São Paulo: Nobel, EDUSP, FAPESP, 173 p. 1997.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 2ª edição, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005.

SITES VISITADOS:

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/>

<http://cgretalhos.blogspot.com>

<http://www.skyscrapercity.com/showthead.phpt>

<http://profsdehistoriacgpb.blogspot.com>

<http://diariodaborborema.com.br>

<http://jovemambientalista.blogspot.com>